UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CURSO DE MESTRADO

MEU/MINHA FILHO (A), O DANONINHO DE MORANGO E O QUARTO AZUL/ROSA: INVESTIGANDO NORMAS DE GÊNERO EM FAMÍLIAS

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profª. Drª. Luciana Leila Fontes Vieira

Recife

2013

Catalogação na fonte
Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4 -985

R114m Rabello, Daniele Cristine Cavalcanti.
Meu/minha filho (a), o danoninho de morango e o quarto azul/rosa: investigando normas de gênero em famílias / Daniele Cristine Cavalcanti Rabello. – Recife: O autor, 2013.
110 f. il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Luciana Leila Fontes Vieira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2013.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Psicologia social. 2. Família. 3. Sexualidade. I. Vieira, Luciana Leila Fontes, (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2013-44)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CURSO DE MESTRADO

Meu/Minha filho (a), o danoninho de morando e o quarto azul/rosa: investigando normas de gênero em famílias

Comissão Examinadora:

_____

Profª. Drª. Luciana Leila Fontes Vieira

1º Examinador/Presidente

_____

Profª. Drª. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

2º Examinador

_____

Prof. Dr. Luís Felipe Rios

3º Examinador

Recife, 27 de fevereiro de 2013

Este trabalho é dedicado sobretudo a todas as pessoas que se opõem à visão do Ser humano em sua multiplicidade, considerando-nos numa visão binária com duas únicas possibilidades de existência entre homem e mulher.

AGRADECIMENTOS

É com muita satisfação que chego neste momento, na certeza de que adentrar à academia quer dizer muito trabalho, mas também muitas possibilidades de pensar e instigar pensamentos, através da produção do conhecimento. Hoje tenho ainda mais a certeza de que conhecimento não é algo estático, mas fluido, que só faz sentido se com ele realizamos intercâmbios com propósitos maiores de melhorar a qualidade de vida das pessoas, seja em qualquer área. Este trabalho foi como uma gestação que mereceu muito cuidado, mas que, após este momento do parto, começam os desenvolvimentos maiores e mais visíveis. Fica o desejo de que isso possa se dar, de que aqui seja apenas o início.

Como não poderia deixar de ser, pois um trabalho é envolvido de muitas pessoas ao redor, gostaria de deixar meus agradecimentos aos/às que participaram desta jornada comigo, de diversas formas.

Inicialmente deixo meu reconhecimento ao meu pai, Fernando, e minha mãe, Cristina: peças fundamentais para que eu pudesse mudar de atividade e adentrar neste mestrado, dando-me o apoio necessário para tal.

Aos meus familiares, por sempre acreditarem em mim, na minha capacidade e potencialidade de desenvolver-me neste processo. Alguns ainda possibilitando ajudas mais concretas durante a confecção da pesquisa, como minha querida prima Stephanie.

A meu companheiro de todas as horas, Bruno, por ter a certeza de que eu conseguiria atingir os objetivos e facilitar ainda minhas atividades sempre que possível ao contribuir com alguma atividade ou material.

Aos amigos e amigas que também sempre ofereceram palavras de estímulos e tantas vezes até mais concretamente auxílios como revisão do projeto, da pesquisa, opiniões construtivas e compreensão na ausência do tempo para dar-lhes a atenção merecida. Esses prefiro não citar todos os nomes, pois abençoadamente são muitos e muitas. Mas não poderia deixar de lembrar Isabelle que fez a revisão do meu projeto, Eduardo e Telma que o leram e deram sugestões para melhorá-lo. Raquel e Mariana que

gentilmente contribuíram com a questão da língua portuguesa e inglesa respectivamente. E Andreza, pela disponibilidade em contribuir.

Às minhas coordenadoras do pró-criança, onde comecei a trabalhar durante o curso de mestrado, pela flexibilidade sempre que necessário e ainda pelas frases de Luciana sempre afirmando sua crença em minha capacidade, quando dizia: "Oxe, tu dá aula pra num sei quantas pessoas. Por que tu vai ter vergonha de apresentar pra uma plateia pequena? Tu tira de letra, menina! No dia eu te dou um chazinho e pronto!" Ela me fazia rir e ao mesmo tempo dava uma injeção de ânimo ao minimizar o que poderia parecer um problema, lembrando que se estava ali era por ser capaz.

A todos os autores utilizados direta ou indiretamente, por já terem realizado este trabalho anteriormente.

Às queridas amigas e companheiras de curso, como não poderia deixar de ser, Cybelle e Vladya, com quem troquei ansiedades e dúvidas desde o processo que antecedeu a seleção, estudando juntas, como nas demais disciplinas e na continuidade da pesquisa, dentre outros processos inerentes ao mestrado. Também aos novos amigos e amigas que fiz durante o curso, que muitas vezes também participaram destes processos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, com a solicitude de seus membros, sobretudo João, sempre pronto a facilitar todo o andamento do mestrado em tudo que o envolve; Bel pelo seu senso de justiça e luta pelo crescimento do programa e, consequentemente, de seus alunos; Karla e Rose, pelas suas doçuras, cada uma com seu jeitinho e Luís Felipe, que num primeiro momento pareceu duro, no seu papel de selecionador, mas depois, como eu já sabia, abriu seu bom coração, sempre disposto a contribuir e dar boas risadas conosco.

De forma especial deixo meus sinceros agradecimentos à minha querida orientadora Luciana, com quem aprendi muito a teoria de gênero, lançando-me numa área nova e encantadora, mas também o respeito a toda condição humana. Ela própria despertou meu respeito e admiração à profissional, à professora e à pessoa que é, tendo sido mais que uma orientadora, uma companheira nas dificuldades passadas, parceira no

desejo de fazer o melhor, sempre apontando de forma fortalecedora nos pontos positivos e sugerindo de forma delicada as necessárias mudanças nos negativos. Esses últimos ela tinha a admirável capacidade de fazê-los nem parecer existir, embora os conhecêssemos.

Aos colaboradores e colaboradoras, sem os quais nada disso teria sido viável, meu respeito e compromisso de nos reencontrarmos para dar continuidade ao tema.

Sobretudo agradeço a Deus, pai maior, por ter me dado a oportunidade dadivosa da vida, com a intelectualidade e todos os caminhos que me possibilitaram chegar até aqui com a sensação do dever trabalhoso e cumprido. A Ele deixo meu compromisso de, através do meu desenvolvimento, oferecer aos meus irmãos, meus próximos, o que tiver de melhor, sem desejar nada em troca, pois Seu amor já é o presente máximo em minha vida. Agradeço por ter tanto e tantos a agradecer e tão pouco a pedir, pelas coisas sempre darem certo, de uma maneira ou de outra, e pela presença amiga do irmão querido Jesus e de tantos outros irmãos espirituais que nos auxiliam sem que nem percebamos.

“Não há órgãos sexuais masculinos ou femininos na personalidade imortal, estabelecendo a distinção.”

Mentores espirituais, citado em Allan Kardec.

RESUMO

Analisamos, nesta pesquisa, como famílias, constituídas por casais parentais heterossexuais, reatualizam os sistemas sexo-gênero nas relações com seus (as) filhos (as). Para tanto, investigamos as relações existentes entre família e gênero; problematizando as diversas concepções de gênero, considerando seus impasses e avanços, percebendo ainda as influências nas construções das categorias de homem, mulher, masculino, feminino, ativo e passivo, inseridas nas relações familiares. De forma a alcançar estes objetivos, utilizamos, com pais e mães de um menino e uma menina da região metropolitana do Recife, o Procedimento de Desenhos-estórias com Tema e Entrevista Semiestruturada, contendo questões norteadoras para a pesquisa. Os dados foram submetidos à Análise Descritiva das Práticas Discursivas e Não-discursivas, num viés pós-estruturalista. A quantidade de participantes se deu por critério de saturação. Foi percebido que pais e mães reatualizam os sistemas sexo-gênero, num ideal de família composta com casais heterossexuais, demarcando a conformação com as normas de gênero legitimadas socialmente. Esperamos que os resultados possam ampliar as discussões e conhecimento acerca das formas de constituição no âmbito da família, bem como o seu papel na construção da noção de gênero.

Palavras-chave: psicologia social, família, sexualidade

ABSTRACT

We analyzed in this research as the families, consisting of heterosexual parenting couples, constantly update sex-gender systems in their relations with their children. We therefore investigated the relationship between gender and family; questioning the various conceptions of gender, considering its impasses and advancement, yet realizing the influences in the construction of the categories of male, female, active and passive, embedded in family relationships . In order to achieve these goals, we use with parents of a boy and a girl in the metropolitan area of Recife, the procedure Drawings stories with theme and semi-structured interview, containing guiding questions for the survey. The data were submitted to the Descriptive Analysis of Discursive Practices and Non-discursive bias in a poststructuralist. The participants number is given by saturation criterion. It was perceived that parents constantly update sex-gender systems, an ideal family compound with heterosexual couples, marking the conformation with gender norms socially legitimized. We hope that the results can broaden the discussion and knowledge about the forms of the constitution within the family, as well as its role in the construction of the concept of gender.

Keywords: social psychology, family, sexuality

SUMÁRIO

RESUMO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA.....14

1. MARCO TEÓRICO.....18
   1.1 A família contemporânea.....18
   1.2 A invenção da sexualidade e dos corpos sexuados.....32
   1.3 Construção das Identidades Sexuais.....35
   1.4 Família e Gênero.....39
   1.5 Problemática de Gênero.....43

2. METODOLOGIA.....47
   2.1 Natureza da Pesquisa.....47
   2.2 Participantes.....49
   2.3 Instrumentos.....51
   2.4 Procedimento de coleta dos dados.....54
   2.5 Procedimento de análise dos dados.....55

3. ANÁLISE DOS DADOS.....58
   3.1 Eixo 1 - Educação Geral…….....58
   3.2 Eixo 2 – Educação e Gênero.....74
   3.3 Eixo 3 – Educação e Sexualidade.....83

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....97

REFERÊNCIAS

ANEXOS:

- Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Anexo B - Questionário Sociodemográfico para os Pais e Mães
- Anexo C - Pergunta Disparadora e Roteiro-guia de Entrevista
- Anexos D e E - Cartas de Anuência

APRESENTAÇÃO

Com a finalidade de nortear a organização deste trabalho, apresentaremos as disposições das fundamentações e dos capítulos que se seguem: inicialmente, na introdução, veremos a argumentação acerca da importância e interesse em realizar esta pesquisa, diante da temática previamente definida.

No primeiro capítulo, intitulado Marco Teórico, definiremos os teóricos e as concepções utilizadas na compreensão dos conceitos adotados, fundamentais na análise dos dados coletados. Nele, buscamos um maior entendimento da história com relação às expressões humanas no que diz respeito ao gênero e à sexualidade, como se deram as construções das identidades, as relações entre família e gênero e as problemáticas de gênero existentes em nossa sociedade, e ainda acerca das famílias contemporâneas. Baseamos-nos para tal em autores como Michael Foucault (1992, 1994, 1996 e 2008), Judith Butler (2010), Márcia Áran (2003, 2007 e 2011), Peixoto Júnior (2007), Cristina Amazonas (2006), Luiz Mello (2005), em uma ou mais de suas obras, dentre outros.

No segundo capítulo, o da metodologia, procuramos explicitar como se deu a pesquisa em sua parte prática, fundamentando a sua natureza, deixando claros os critérios de seleção dos e das participantes, e ainda como se deu o processo de coleta e análise dos dados. Autores também foram fundamentais nesta etapa, como Wálter Trinca (1976 e 1997), Tânia Aiello-Vaisberg (1997), María Cecília Minayo (1993 e 2010), Odécio Sanches (1993), Donna Haraway (1995), dentre outros que foram estudados em outros momentos e inevitavelmente fazem parte da nossa forma de construir conhecimento.

O terceiro capítulo foi dedicado à análise dos dados, utilizando as falas das/dos participantes e os desenhos por eles e elas confeccionados, como foi explicitado na metodologia, como ponto de partida para compreensões tecidas alinhadas à teoria utilizada.

As considerações finais, compondo a finalização do trabalho, trouxeram alguns acréscimos ao que já havia sido discutido no corpo do trabalho como um todo, procurando enfatizar e problematizar algumas questões tidas como importantes.

De fundamental importância, para maiores entendimentos dos que quiserem aprofundar a leitura das temáticas envolvidas, foram registradas as referências utilizadas, com autores e autoras que deram bases à fundamentação teórica, envolvendo a história dos temas estudados e sendo essenciais para as compreensões mais atuais, como a literatura pós-estruturalista, bem como ainda e não menos fundamentais foram as literaturas que serviram de alicerce para as questões práticas da pesquisa.

Por fim, disponibilizamos os anexos, com materiais utilizados durante o processo e que aparecem em forma de documentos ou quadros, com o intuito de possibilitar garantias éticas à pesquisa e, sobretudo, às e aos participantes, além de deixar mais claro os procedimentos utilizados.

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

> Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro.
>
> Clarice Lispector

Este trabalho é advindo da necessidade de discutirmos gênero nas famílias heterossexuais. Percebemos que o tema gênero atualmente vem sendo amplamente discutido e tomando vasta visibilidade, no entanto, ainda é muito relacionado às mulheres, como no feminismo ou nos contextos da violência, e aos homens, no que se refere também à violência, abuso, sentido de paternidade e cuidados consigo. As duas situações podem ser encontradas em aprofundamentos em algumas dissertações produzidas neste Programa de Pós-Graduação em Psicologia na UFPE. No entanto, quando nos referimos à interlocução com a família, vamos encontrar discussões mais voltadas para a homoparentalidade.

Encontramos a dissertação de Fernanda Ribeiro, em 2011, no Programa de Pós--Graduação em Psicologia da UFPE, que se refere à representação social de família para crianças, concluindo que o conceito ainda é voltado para a existência de um pai e uma mãe, mesmo que estes não estejam presentes nesta conjugação nas suas famílias. Com relação à família, no contexto específico da heterossexualidade, Rafaella Cursino, no mesmo programa, abordou acerca das particularidades da vida conjugal contemporânea, da vida doméstica e das práticas de cuidado com os filhos, buscando compreender como o gênero influencia.

Para além do nosso programa, também não foi encontrado nos portais científicos, como o Scielo, Portal de periódicos da CAPES e Google acadêmico nenhum trabalho que abordasse a temática específica investigada, ou seja, gênero e família apareciam relacionados ao campo dos estudos da mulher, da violência, do trabalho e da homoparentalidade.

Concluímos assim que o afunilamento da reatualização do sistema sexo-gênero em famílias heterossexuais, buscando o entendimento de como as normas de gênero perpassam pela educação das crianças, era carente de um estudo específico, ao qual nos propusemos.

Ao pensar família, não é possível deixar de considerar as influências das incessantes transformações sociais. Desta forma, o modelo hegemônico representado pela família nuclear vem se enfraquecendo, abrindo espaço para outras configurações. Nesse contexto, perpassam questões de gênero que apontam à problematização das concepções clássicas de homem, mulher, masculino e feminino, suas sexualidades e posições que ocupam na teia familiar.

A partir das relações sociais e do exercício do poder[1], são instituídas normas de Gênero que forjam a existência dos sujeitos. Tais normatizações referem-se a uma construção, que é histórica e cultural, e modelam possibilidades de expressão, de acordo com o que a sociedade impõe aos homens e às mulheres. Assim, o seu sexo biológico ordena os corpos reiterando, incessantemente, às imposições sociais como resultados de si. (Butler, 2010/2003)

As normas de gênero buscam materializar as diferenças sexuais, a serviço de um ideal heterossexual fundamentado no binarismo masculino e feminino. Desta forma, sexo estaria para a biologia assim como gênero estaria para a cultura, e ambos seriam interdependentes, ou seja, sexo (homem) e gênero (masculino) e sexo (mulher) e gênero (feminino) seriam as únicas possibilidades de existência humana.

[1] Concordamos aqui com a concepção de Foucault (1994/1976) de que por poder "(...) se deve compreender, em primeiro lugar, a multiplicidade das relações de força imanentes ao domínio em que se exercem e constitutivas da sua organização; o mecanismo que, por via de lutas e de confrontos incessantes, as transforma, as reforça, as inverte; os apoios que essas relações de força encontram umas nas outras, de maneira a formarem cadeia ou sistema, ou, pelo contrário, os desfasamentos, as contradições que as isolam umas das outras; por fim, as estratégias em que se efetuam e cujo desenho geral ou cristalização institucional tomam corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais." (p. 96)

No entanto, é preciso reconhecer a multiplicidade de ser no mundo das pessoas, e, sendo assim, gênero revela

> uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembléia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um telos normativo e definidor. (BUTLER, 2010/2003, p. 37)

Para a autora, o sexo também é carregado de significados culturais. Portanto, adotamos neste projeto estas noções de sexo e gênero que ressaltam as inter-relações sociais que normatizam os sujeitos. Vale salientar ainda que a própria construção do conceito de gênero se deu a partir das lutas feministas, que passaram a questionar a essencialização como advinda da natureza e a hierarquização entre masculino e feminino, onde os homens estavam sempre em dominância e as mulheres como se fossem instrumentos de cuidado deles. Elas cuidavam para garantir a força e atuação deles.

Desta forma, as noções de masculino (atributos de macho, aos quais é ligada a ideia de atividade, força, atuação e providência) e de feminino (atributos de fêmea, relacionando à imagem de passividade, calma, doçura e conformação) ficam questionadas, já que com o gênero estão em jogo as possibilidades múltiplas de existência. A frase célebre de Simone de Beauvoir - “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” -, comentada por Butler (2010/2003) e Áran (2003), é propulsora de uma mudança na naturalização do feminino e questionamento de sua essência, nos séculos XVIII e XIX, produzindo novas formas de conceber o sujeito. Propõe assim, repensar a história das mulheres, suas relações com os homens e os lugares do feminino e masculino.

Sabemos que a família possui um lugar privilegiado na manutenção das normas de gênero, se caracterizando como campo de investigação importantíssimo. Vale dizer que nosso entendimento de família se alinha com as contribuições de Mello (2005), que concebe a instituição familiar a partir dos vínculos existentes entre as pessoas. Assim, os atributos dos seus membros não estariam subordinados às determinações naturais, mas

focados na “criação de condições que assegurem o bem-estar físico e emocional dos seres humanos em interação.” (p. 40)

Corroboramos ainda com a ideia de Amazonas e Braga (2006) de que nunca existiu uma família, e hoje, mais ainda, existem famílias, com diversas configurações. Aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais impulsionaram essas transformações: mudanças demográficas, sobretudo o aumento da longevidade humana; participação em sentido crescente da mulher no mercado de trabalho; divórcio e organizações familiares diferentes da família tradicional de formato nuclear; o controle da reprodução com o uso dos anticonceptivos e as transformações ocorridas na parentalidade e no gênero.

Neste sentido, ressalta-se a importância de compreender as normas de gênero e suas reatualizações nas famílias constituídas por casais parentais heterossexuais, Para tanto, investigamos as relações existentes entre família e gênero, bem como, problematizamos as diversas concepções de gênero, considerando seus impasses e avanços.

1. MARCO TEÓRICO

> A arte de viver é simplesmente a arte de conviver... Simplesmente, disse eu? Mas como é difícil!
>
> Mario Quintana

1.1 A família contemporânea

Pensar acerca do tema Família, mesmo que referente à sua contemporaneidade, nos remete a uma necessidade de compreensão acerca da história da sexualidade, das questões de gênero e das transformações sociais ocorridas. É neste direcionamento que o modelo nuclear pai, mãe e filhos já não se sustenta mais, diante de tantas possibilidades outras. Nesse sentido, torna-se necessário empreendermos um panorama da história desta instituição.

Em sua obra história da sexualidade I: A vontade de Saber, Foucault (1994/1976) se utiliza da genealogia do poder, como forma de compreensão que se baseia nas questões históricas e relações de poder, que por sua vez estabelecem e produzem identidades sexuais. É discutida a hipótese repressiva em suas características positiva – no sentido daquilo que se produz, como faz a *Scientia Sexualis,* ou as Ciências Sexuais que ficam expressas no século XVIII, onde tudo remete ao sexo -; e negativa – remete à ideia de censura e interdição. Dizendo de outra forma, a hipótese repressiva da sexualidade e os próprios dispositivos sexuais interditam e ao mesmo tempo estimulam as sexualidades, construindo identidades sexuais. Assim, a própria família também possui modelos ideais que são construídos política e historicamente, nas execuções de poder e suas resistências.

Foucault (Op. Cit.) aborda a necessidade de compreensão dos imperativos envolvidos em torno do sexo e da sexualidade como genitalmente centrada e sem

prazeres, pautando os discursos acerca de ambos os temas. O meio científico do século XIX participa sagazmente deste processo através da produção da "Scientia Sexualis" (Ciência Sexual), que vem servir a partir de uma subordinação às ordens da moral, expressando-se por uma normalização realizada pela medicina – já que esta se faz enquanto saber dominante capaz de ser possuidora do discurso científico, carregando um estatuto de verdade válido. Esta nomeou, definiu, caracterizou, utilizando de uma nosografia própria atribuindo e apontando males às oscilações sexuais, considerando que levariam inclusive ao perigo da morte não apenas dos indivíduos, bem como de gerações e espécies; foi então que justificou assim uma higienização geral, a qual se direcionou à inclusão dos próprios racismos do Estado.

Para o autor, estabeleceu-se mesmo como uma fuga do insuportável: a verdade do sexo, através de um "discurso-encobridor", "dispersão-esquiva". A busca mesmo era mascarar a verdade do sexo, ao mesmo tempo, que inevitavelmente a produzia. O discurso da scientia sexualis estava a todo instante produzindo estas verdades nas sociedades ocidentais, baseado na confissão, civil e religiosa através da ordem de um poder-saber. Esta confissão assume um papel de dever dentro do discurso e na medida em que vai sendo posta em prática, vem à tona as produções de verdade do sexo através do discurso. O foco não se dirige ao que é enunciado por quem enuncia, mas, sobretudo a quem escuta, que por sua vez, impõe a produção da verdade do sexo pelo discurso, e ainda julga e pune.

O século XIX amparou a entrada do sexo no domínio da ciência, que se tratava mesmo de uma ciência-confissão, que tinha por objeto o que não se podia confessar porque velado e proibido, ao mesmo tempo sendo colocado como uma necessidade de ser confessado para alguns, era o inconfessável-confessado. É o que o autor considera caracterizado como a "vontade de saber". A scientia sexualis tem então por sua prática o discurso do sexo e da sexualidade, que vai sendo pouco a pouco desenvolvida. Por isso que a história da sexualidade deve ser vista na direção de uma história também do discurso. Esse discurso que, como percebido, se por um lado, impõe a repressão, por outro, é o promotor, o incitador ao sexo, na construção da história da sexualidade e na sua

variedade de identificações e nomeações de suas especificidades. Incessantemente estamos mergulhados no sexo enquanto signo, como história, significação e discurso. No final, somos uma sociedade do sexo que fala (do sexo que fala sobre nós) e não de um sexo que cala. “(...) trata-se de mergulhar a produção pululante dos discursos sobre o sexo no campo das relações de poder múltiplas e móveis.” (FOUCAULT, 1994, p. 101)

Este sentido positivo e repressivo, para o autor, está diretamente relacionado ao processo histórico de fazer emergir tudo sobre o sexo, onde as Ciências Sexuais tomaram corpo e assumiram a responsabilidade e controle dele, buscando biologizar e medicalizar a partir do controle de um biopoder, nomeando a normalidade e a patologia sexual. Ao mesmo tempo em que se descreviam assim as regras de um sexo dito “normal”, se colocavam em oposição as diversas sexualidades consideradas como “anormais”, as quais por suas vez terminavam por serem fixadas e mesmo produzidas. É assim que reprimir e produzir o sexo e as sexualidades está sempre inter-relacionado e, consequentemente, estão ainda imbricados o sexo, as sexualidades e as configurações familiares. Estas últimas devem ser fortemente consideradas uma vez que ao sexo e às sexualidades colam-se ideias de masculinos e femininos, com papéis sociais e familiares que devem ser respectivamente associados nas posições entre homens e mulheres.

Remontando à história, a origem do nome família revela inicialmente não uma relação sentimentalista propriamente, mas uma execução de poder. A família romana, juntamente com o poder de império, passa a ser o ideal social, garantindo ao homem o chamado pátrio poder e o direito de vida e morte sobre os que fazem parte de sua família, inclusive os escravos, os quais originam o termo, advindo de *Famulus*: escravo doméstico, e família o seu conjunto.

É no século XV, segundo Ariès (1984), que o sentimento de família se modifica, a partir da extensão da frequência escolar das crianças. Se antes a educação era vista a partir da partida das crianças para outras casas, onde no contato com adultos iriam aprender serviços domésticos que lhes prepararia, pois elas eram vistas como adultos pequenos, e não em desenvolvimento como hoje, a partir de então se iniciava uma mudança na educação das crianças e no sentimento de família.

No século XVII “o clima sentimental era agora completamente diferente, mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo em que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola.” (ARIÈS, 1984, p. 159) Esta mudança tem a ver com um olhar diferenciado para a criança, que agora deveria ser afastada do mundo adulto, considerado sujo, pois ela era dotada de uma inocência primitiva. Por outro lado ainda, tal diferenciação remete uma preocupação dos pais e mães de estar mais perto para vigiar os filhos e filhas, o que culmina numa aproximação dos membros e a mudança do sentimento da família advinda ainda do sentimento da infância.

Ocorre então uma proliferação das escolas, em resposta à nova necessidade de educação teórica, bem como ao desejo dos pais e mães de manter as crianças mais próximas.

> “Esse fenômeno comprova uma transformação considerável da família: esta se concentrou na criança, e sua vida confundiu-se com as relações cada vez mais sentimentais dos pais e dos filhos. Não será surpresa para nós descobrir que esse fenômeno situa-se no mesmo período em que vimos emergir e desenvolve-se uma iconografia da família em torno do casal e das crianças.” (ARIÈS, 1984, p. 160)

Este processo de escolarização por sua vez não foi rapidamente generalizado, pois sobretudo a maior parte das meninas, exceto algumas que adentraram pequenas escolas ou conventos, eram educadas em casa ou ainda em casas de outras pessoas, como parentas ou vizinhas. Por outro lado, vale salientar que a escolarização também envolveu as diferenças sociais, sendo a primeira camada envolvida a média, até que a escola viesse ser consolidada e todas as classes amplamente atingidas.

No século XVIII a família passa a priorizar um espaço privado, num certo distanciamento da sociedade, na vida particular. A organização da casa, antes com menos divisões de cômodos e as camas colocadas nos salões, várias juntas, passa a ter outro formato, com a demarcação dos quartos, salas e camas separadas nos quartos de dormir. Esta reorganização da casa, dando espaço ao isolamento e à intimidade, foi “preenchida

por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual se excluíam os criados, os clientes e os amigos." (ARIÈS, 1984, p. 186)

Num contexto de dominação dos homens, a família monogâmica então, embora aos mesmos seja dado o direito de vivenciar relações extraconjugais com outras mulheres, desde que não as trazendo para casa, passa a ser o modelo vigente, por isso sendo considerada como o ideal, fundando o modelo nuclear: pai, mãe e filhos (as) como se fosse algo natural, sem que as pessoas possam se dar conta de que se trata de uma construção sócio-histórica que responde a interesses econômicos e políticos, como é o caso da transmissão da propriedade privada e da herança – que pertence ao pai, chefe da família – aos seus sucessores e sucessoras. Como afirma Foucault (1994/1976), a soberania do Rei, assim como havia ocorrido com o pai, passa a ter sobre a população (como era com a esposa e os filhos), o direito de vida e de morte.

É por esta razão que o casamento, para união legitimada dos casais heterossexuais, passa a ter tanta importância, sendo valorizado como algo natural nas sociedades, sobrevivendo aos regimes políticos e às religiões, pois está arraigado em nossa base de organização social. Méndez (2008) afirma que a naturalização do casamento faz com que não, ou pouco, questionemos sua origem e fundamento, considerando quem não o realiza como subvertendo a norma: "Será ele de fato uma necessidade instintiva dos seres humanos que precisam encontrar um/uma outro/outra para compartilhar sua vida e perpetuar a espécie?" (p. 1)

Como vimos, a monogamia e a heterossexualidade compulsória são na verdade formas de garantia da propriedade privada e, também com este propósito, controle da sexualidade da mulher. É assim que as mulheres deixam de exercer junto com os homens tarefas que são fundamentais para a sobrevivência e manutenção do grupo e ainda perdem sua liberdade sexual. (MÉNDEZ, 2008)

A autora aborda ainda sobre as condições do corpo da mulher que vão influenciar nas desigualdades entre os sexos: a menstruação e a gravidez, acompanhada do parto, por diminuírem a capacidade física da mulher, consequentemente seu envolvimento no

trabalho nestes períodos, a impedem de prescindir do homem guerreiro para a alimentação e proteção.

Para a autora, em consonância com os pressupostos de Simone de Beauvoir, o grande problema social com relação a gênero para as mulheres foi serem excluídas das atividades guerreiras. Isso porque foram atribuídos socialmente valores diferentes para a geração e preservação da vida, na divisão de trabalho ocorrida entre homens e mulheres. As atividades desempenhadas pelos homens, as expedições guerreiras, receberam valor relacionado à sobrevivência humana, o que não ocorreu com as tarefas das mulheres, como afirma Méndez:

> A maternidade, ao contrário, foi considerada um 'acidente' da natureza. Através desta concepção, podemos compreender o casamento como mais uma forma de regulamentação e controle da sexualidade feminina. Ele passa a ser visto como uma "ocupação" da mulher. Enquanto os homens criam, produzem, trabalham, vivenciam o mundo público, a elas foi reservado o cuidado do espaço doméstico - relacionado à família e ao casamento. Ou seja, a raiz das desigualdades entre homens e mulheres está no momento em que são atribuídos valores desiguais para atividades sociais diferentes. (2008, p. 2)

Por outro lado, para a autora, as transformações sociais na vida da mulher no século XX, como o uso de contraceptivos, a entrada no mercado de trabalho e o aumento da escolaridade, impulsionaram uma desestabilização nas relações entre homens e mulheres e, como não poderia deixar de ser, no casamento, que já não é mais necessariamente o destino esperado por elas.

No entanto, por que ainda aparece a ideia de família normal como um modelo idealizado de pai, mãe e filhos? Justamente devido ao que Foucault (1994/1976) nos esclarece, através da genealogia, acerca de poderes que são exercidos em prol de força de trabalho, promovendo a sexualidade útil e politicamente conservadora. Até o final do século XVIII, o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil eram os códigos regentes das práticas sexuais, fixando o que era lícito e o que era ilícito. Tais códigos eram centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, as abstinências da gestação e o aleitamento, saturados de prescrições, médicas, jurídicas, enfim, sociais. Havia uma lista de pecados graves e perversões numa nova nosografia por um biopoder, com o objetivo

de dominação das sexualidades diversas, no entanto, inevitavelmente também produzindo e fixando-as; bem como no século XVIII se dá com a forte expressão das ciências sexuais, a partir de um sexo que fala sobre nós e assim nos constrói historicamente. A partir das identidades sexuais que neste contexto se produziam e estabeleciam, homem e mulher deveriam se unir para formar as famílias, através do matrimônio e concebimento de filhos. É a família nuclear (pai, mãe e filhos) o modelo de família normal, sendo todas as outras consideradas desviantes; modelo este que foi incorporado jurídica e subjetivamente. (ÁRAN, 2011)

Butler (2010) se fundamenta em Foucault e sua genealogia para sua compreensão acerca do conceito de gênero, que se dirige ao que ela denomina de uma performatividade, ou seja, o gênero se performatiza de forma sempre única cada vez que se dá, já que é irrepetível, não podendo ser substancializado ao ponto de fixar identidades. Esta impossibilidade também remete à questão de que cada um é mais que o que poderia pretender uma identidade de gênero, pois representaria também uma raça, sexo, etnia, classe, religião. Gênero então, de uma maneira clássica, aponta ao aparato que produz e estabelece o sexo, numa maneira binária de pensar, como uma fábula fundante que evoca um antes a-histórico e que, por sua vez, legitima os contratos sociais baseados num paradigma naturalista: sexo como coisa e identidade de gênero como definidora. “Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um telos normativo e definidor.” (BUTLER, 2010, p. 37)

Este binarismo se refere a duas únicas possibilidades de ser: homem, que está para masculino e mulher, que está para feminino. Este pensamento tenta ainda justificar que homem e mulher são a exclusiva conjugalidade saudável e normal, uma vez que se complementam e podem gerar filhos, formando assim uma família tradicional considerada perfeita. Todas as outras formas de gênero e de arranjos relacionais são tidas por anormais e doentias.

Ocorre que a história da sexualidade e as normas de gênero, instauradas numa obrigação heterossexual, sempre serviram aos interesses políticos, sendo legitimados socialmente, como aborda Foucault (1994/1976). E como afirma Butler (2002), nem todos os corpos importam, pois nem todos são considerados normais ou fortes e aqueles que não importam – os quais ela denomina "abjetos", que seriam tidos por anormais ou fragilizados -, são invisibilizados e desmaterializados socialmente.

É desta forma que as famílias que se constituem por laços de outras ordens que não o jurídico nem o heteronormativo sempre foram desconsideradas e tidas como desestruturadas; ou seja, não servem como parâmetro para a sociedade, não podem ser consideradas como inspiradoras da moral e dos bons costumes. Além da invisibilidade, como renegação de reconhecimento estas também ficam à margem dos direitos jurídicos, como é o caso do repasse da posse de bens materiais de um companheiro (a) falecido (a) a outro (a), em caso de união conjugal não heterossexual.

O exemplo demonstra claramente como as consequências são abrangentes para as pessoas envolvidas nestes enlaces afetivos; no entanto, cabe aqui destacar que o mais importante é que estas mesmas famílias que subvertem a norma não podem mais ser deixadas de lado como se não participassem da sociedade, pois são grupos de pessoas, em suas formas de existir, vivenciando-as como aquilo que há de mais característico e ao mesmo tempo ameaçador nos seres humanos: a sua singularidade. Ameaçador para as formatações normativas que estamos imersos, numa maneira de funcionamento opressora e violenta porque impositiva e excludente.

É assim que tais famílias subversivas existem como forma de resistência, tomando a própria resistência como também expressão de poder, com grande importância para o momento histórico, uma vez que as resistências acontecem em concomitância com o poder. Seus pontos, assim como o poder, atravessam estratificações sociais e unidades individuais. Desta forma, podemos entender que o poder não é fixo nem estático, mas circula e permeia ações e relações humanas, as quais podem ser pensadas pelo viés discursivo, já que este se produz através de procedimentos diversificados, pautados pelo

controle e repressão – esta última em seus aspectos tanto de censura e negatividade, como de produtividade e incitamento. (FOUCAULT, 1994/1976)

Se há uma relação imbricada entre discurso e poder, e se este último circula por individualidades e por instituições, então o próprio discurso ritualiza formas e assim verdades são erguidas, não existindo por si só, mas sendo construídas. É pois nesta relação que a verdades são colados estatutos de validação, e então são reconhecidas e aceitas; e se por um lado há verdades aceitas por sua validação, também há discursos que serão relegados a inverdades, que por sua vez também são construídas, não aceitas por serem invalidades e, consequentemente, não são aceitas e não são reconhecidas. Existe pois um controle discursivo que busca impedir, com base numa organização e seleção, a materialidade dos perigos e poderes do discurso, que no final referem-se ao desejo e ao poder, como é o caso da sexualidade e da política. Isso se dá porque o discurso enfim se configura como o próprio objeto do desejo, ele é com o que e pelo que se luta. (FOUCAULT, 1996)

São estas concepções de identidade sexual e identidade de gênero que fundamentam a idealização de uma família normal e estruturada. No entanto, Amazonas e Braga (2006) e Mello (2005) corroboram na concepção de família baseada nos vínculos existentes entre os membros que a compõem, numa busca por garantias de bem-estar recíproco. Desta forma, não são as fixidezes sexuais, tampouco as normas que se estabelecem socialmente para os gêneros, que as caracterizam, mas as próprias vinculações relacionais é que vão construir as famílias, em suas diversidades configurativas. Mello (2006) denomina a estas relações duradouras de famílias de “amor confluente”, num direcionamento aos processos relacionais em si, em detrimento de papéis fixos e normatizados, uma vez que esses últimos não remetem necessariamente a um sentimento que leve à referida busca pelo bem-estar dos envolvidos.

E se as famílias estão intimamente imbricadas pelas noções de gênero, nesta teia faz-se mister a compreensão de algo que as fundamenta através dos exercícios de poder em que estão envolvidas como um eixo da sociedade: as normas de gênero, que são legitimações sociais que normatizam as performatividades de Ser, demarcando pelo sexo,

sexualidade, práticas e desejos sexuais, que devem estar alinhados, que substancializam e cristalizam pessoas, como se elas não fossem caracterizadas por outras questões como raça, religião, classe, etnia. (BUTLER, 2010/2003) Mais uma vez aqui podemos perceber como a forma binária de pensabilidade se faz presente nos seios familiares, balizando através de reproduções normativas as formas de relacionamento e papéis fixos que terminam por serem assumidos, uma vez que se trata de um lugar privilegiado no que diz respeito à passagem de cultura, sofrendo a constante reatualização das normas de gênero. Por isso, é preciso voltar-se ao que há de mais característico em homens e mulheres: a multiplicidade de maneiras de existir como característica humana, independente de qualquer fator, apontando ainda as diversidades familiares existentes e possíveis, que se baseiam nas relações propriamente ditas, nos vínculos formados e na busca de bem-estar da própria família.

O enlace destas relações familiares então não preveem modelos dados e normatizados socialmente, como o matrimônio heterossexual, onde o homem é o provedor masculino daquele grupo e a mulher a cuidadora e reprodutora feminina. Nestas novas configurações, que vêm tomando cada vez mais força expressiva, homens e mulheres fazem parte de uma mesma teia relacional, que se caracteriza pela cumplicidade afetiva, independente de sexo, gênero ou mesmo estado civil. Há espaço para a heterossexualidade e a homossexualidade, para as múltiplas expressões de gênero e configurações familiares.

Neste sentido, é possível compreender o que Mello (2005) denomina de visão de mundo includente, onde não há diferenças jurídicas relacionadas ao sexo, gênero ou papéis, pelo contrário, todas as pessoas são tidas como possuidoras de direitos e garantias que devem ser assegurados e ainda a família, enquanto instituição mesma, é caracterizada a partir dos vínculos existentes nas relações entre seus membros. Ou seja, assim como homens e mulheres tem possibilidades infinitesimais, as configurações familiares e seus papéis, fluidos, não são essencializados como obra da natureza; a caracterização da instituição familiar se dá justamente pela “criação de condições que assegurem o bem-estar físico e emocional dos seres humanos em interação.” (p. 40)

Féres-Carneiro aborda que, tanto para homens como para mulheres, com as mudanças sociais que trazem uma efemeridade às relações, os valores da família nas camadas médias da sociedade vêm sofrendo diversas transformações, uma vez que cada um realiza buscas pessoais mais individualizadas, vindo, por exemplo, o projeto de vida profissional à frente de uma composição familiar. "Os valores que interferem no comportamento e na interação entre os indivíduos estão calcados na singularidade e na liberdade individual" (1999, p. 2)

A autora afirma ainda que assim foi gerada uma recusa da distinção de gêneros, uma maior visibilidade da homossexualidade, o aumento quantitativo de divórcios e recasamentos. Ainda a coabitação e o ter filhos deixaram de ser regras para a conjugalidade. Sendo assim, os arranjos conjugais da atualidade são os mais diversos, construindo-se e reconstruindo de forma contínua e acelerada.

Ao mesmo tempo, para formar um casal é preciso haver uma identidade conjugal e, considerando os ideais individualistas, os/as envolvidos/as vão ter de lidar com este paradoxo. Segundo Féres-Carneiro (citada em FÉRES-CARNEIRO, 1999)

> Constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. Assim, o casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais. Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais. (p. 3)

No entanto, Féres-Carneiro afirma que, mesmo com tantas transformações e com os ideais individualistas, sendo a conjugalidade repleta de expectativas diferenciadas para cada pessoa, o casamento ainda se caracteriza como um aspecto relevante na vida das pessoas, tanto para heterossexuais como homossexuais; sendo assim fundamental a discussão no que diz respeito ao reconhecimento sócio-jurídico das conjugalidades homossexuais.

Para pensarmos nas diferentes formas de conjugalidades entre as pessoas, é necessário refletirmos acerca das educações e transmissões de valores nos contextos familiares, que exercem importante papel na compreensão e apropriação de um conceito

de família e influenciam nas formas de viver os próprios ideais de composições familiares, que por sua vez vão interferir nas concepções de casamento e outras formas de uniões afetivas, maternidade, paternidade, etc..

É interessante perceber que, com a fluidez das relações atuais, o "ficar" representa, segundo a autora, uma aproximação momentânea de um casal que envolve um ou alguns dias de beijos e carícias e podem ou não chegar ao ato sexual, sem um compromisso maior, que vai caracterizar o ideal de liberdade individual. No entanto, quando questionados os adolescentes e jovens – como os que mais exercem o "ficar" – afirmam desejarem um relacionamento mais duradouro de namoro, que culmina num ideal de noivado e casamento. O "ficar" então aponta para uma forma de evitar a decepção com relação ao parceiro, buscando uma prévia certificação acerca do relacionamento que poderá ser assumido em forma de compromisso ou desfeito antes, sem maiores prejuízos emocionais.

Assim como o casamento ainda é uma configuração basilar das famílias e das relações privadas, buscado pela maioria das pessoas, o divórcio também aparece como fundamental na idealização das relações, não aceitando as frustrações decorridas da relação legitimada e, consequentemente, os recasamentos vão aparecer como ferramentas importantes nas relações atuais, numa novo investimento relacional.[2]

> Os sujeitos se separam não porque o casamento não seja importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda a suas expectativas. É justamente a dificuldade desta exigência que o divórcio reflete e, quase sempre, os divorciados buscam o recasamento. (...) (FÉRES-CARNEIRO, citada em FÉRES-CARNEIRO, 1999, p. 14)

Como formas de relações conjugais vamos encontrar ainda a coabitação e a união estável que desenvolvem importante papel nas configurações familiares entre os menos

[2] Féres-Carneiro afirma que os recasamentos são caracterizados por uma maior flexibilidade e originalidade na interação dos membros da família, onde as autoridades maternas e paternas, bem como os encargos financeiros são divididos com outros componentes do grupo.

adeptos das tradições, como é o caso das religiões que pregam a necessidade do matrimônio.

A coabitação representa na prática uma maior liberdade sexual e uma experimentação do casamento, diferenciando-se deste na dimensão social e numa maior fluidez, parecendo apresentar maior facilidade de dissolubilidade que o casamento propriamente dito. (FÉRES-CARNEIRO, 1999)

Segundo a autora, a união estável representa a união de um casal heterossexual com intenção de constituir família, como passou a ser reconhecido juridicamente em substituição ao concubinato, passando a fazer parte do conceito de família e garantindo os direitos de ambos sobre os bens em caso de separação. Não é carregada ainda da necessidade de se ter filhos para sua caracterização, nem mesmo da coabitação, sendo muitas vezes complexo juridicamente para diferenciar de um namoro considerado firme.

É fundamental ainda referirmos a maio de 2011, quando foi juridicamente reconhecida a união estável entre casais do mesmo sexo, considerando-os também como entidades familiares. Segundo o ministro Ayres Britto, relator das ações questionadoras das uniões homoafetivas no Supremo Tribunal Federal (STF), que foi favorável à equiparação dos direitos entre casais heterossexuais e homossexuais, "a família é a base da sociedade, não o casamento". O ministro lembrou ainda que este reconhecimento não traria prejuízos aos casais heterossexuais nem à sociedade, uma vez que a Constituição brasileira (Constituição de 1988) presa a igualdade absoluta. (MOTTA, 2011)

O julgamento que levou mais de 11 horas promoveu a aquisição de direitos para os casais homossexuais que poderão efetivar união estável, estando entre os principais a herança em caso de morte do/a parceiro/a, acesso a plano de saúde como dependente do/a parceiro/a e pensão alimentícia em caso de separação judicial. (FARIELLO; LEÃO & SIMAS, 2011) Essa ação judicial representa transformações nas relações homoafetivas no que diz respeito a uma estabilidade e reconhecimento jurídico e social.

Sendo assim, não é difícil entender que a história da família e a história da humanidade estão tão imbricadas que chegam a se confundir, não podendo separar uma

da outra na compreensão de como vivenciamos até a atualidade os nossos contextos sócio-históricos, incluindo os preconceitos e os estigmas experimentados por aqueles que tentam, em suas expressões e formas de Ser, subverter o que é norma no momento vivenciado, que necessariamente não foi ou não será em outra determinada época.

Diante dos motivos de grandes transformações ocorridas nas famílias, claramente impossibilitando que pudesse existir um modelo único, percebemos como de fato nunca houve, embora tenha sido preconizada jurídica, médica e religiosamente a forma nuclear como a tradicional e fortalecida estrutura da considerada célula máter da sociedade. Neste direcionamento, a partir de um pilar pós-estruturalista – que rompe com todas as ideias estereotipadas e estruturantes de maneira fixa e imutável.

Atualmente sabemos que as configurações familiares são as mais diversas, e que muitas questões estão sendo discutidas entre autores, políticos, poder jurídico, mídia e sociedade. É importante ressaltarmos que as expressões humanas sempre variaram com a história e com os interesses, então, quem pode ditar como alguém deve ser ou não? Este questionamento é fundamental uma vez que hoje falamos em direitos humanos, em desenvolvimento das ciências e num desenvolvimento que a humanidade nunca teve antes. Mas o que é visto em termos de intelectualidade ainda é muito precário quanto ao aspecto do respeito e da liberdade com relação ao outro, sendo talvez ao que mais precisemos direcionar as nossas ciências e tecnologias, almejando um verdadeiro progresso e desenvolvimento.

Fica expressa assim a necessidade de permearmos outras formas de pensabilidade com estratégias que tornem possível as diversificadas formas de existências dos sujeitos e suas relações. É preciso que as configurações familiares, que sempre foram inúmeras na história da humanidade, agora de maneira mais visível, sejam vistas como arranjos e rearranjos que se direcionam à busca de bem-estar de um grupo que se relaciona para além do sangue e do sexo, que constrói vínculos fortes e duradouros, caracterizando-se assim como formas inclusivas de existir.

1.2 A invenção da sexualidade e dos corpos sexuados

O sexo e o dispositivo da sexualidade, como afirma Foucault (1994/1976), foram inventados para justificar a divisão dos seres humanos em homens e mulheres, e consequentemente, em heterossexuais e homossexuais. O contexto histórico que possibilitou sua emergência remete à necessidade de criação de uma população qualificada, à organização das cidades, à disputa entre os estados emergentes, juntamente à expansão colonial e industrialização insipiente. O sexo e a sexualidade ocupam um lugar privilegiado pelas suas inserções individual e populacional.

A partir do século XVIII, no qual a população passa a ser vista como índice de riqueza e mão de obra, ocorrerá também a histerização do corpo da mulher como forma de preservar a vida. Assim, a educação passa a ser prioridade para os filhos de uma burguesia emergente. A mulher é o novo alvo de discursos filosóficos e médicos, tendo seu corpo investido de sexualidade, dita frágil e muitas vezes patológica; torna-se um objeto médico por excelência. É aí que a mulher ganha posição de destaque social, como figura ímpar de inserção das ordens/normas médicas no lar, que se higieniza e se disciplinariza. (FOUCAULT, 1994/1976)

Outros pontos também estiveram envolvidos na invenção da sexualidade, como o pressuposto de que a criança é dotada de uma sexualidade natural e perigosa. Desta forma, aparece a pedagogização do corpo da criança, através do combate contra o onanismo, visto como uma epidemia, que demandaria vigilância por parte dos pais, família, educadores e médicos. Para os casais, coube a responsabilização pelas condutas procriadoras, num estatuto político e social, com a função de proteção com relação às patologias da sexualidade descuidada, bem como às perversões sexuais e alterações genéticas, de forma a garantir o sustento da saúde da família e da sociedade, incluindo todos os cuidados médicos. Ainda neste cenário, no século XIX, ocorreu a psiquiatrização do prazer perverso, onde a *scientia sexualis* vem pregar a normalização e patologização dos comportamentos, enquadrando as sexualidades periféricas como

perversões, com diversas nosografias. Se “o sodomita foi uma aberração, o homossexual é uma espécie”. (FOUCAULT, 1994/1976)

Anteriormente a esta necessidade de criação de dois sexos, o que vigorava era o modelo do sexo único, à época de Galeno, onde a diferença entre homem e mulher estava na crença de que a mulher era um homem imperfeito, que por uma falta de calor corpóreo vital não conseguiu externar seus órgãos sexuais, os quais, em posição interna, seriam correspondentes aos do homem. Ela poderia vir a se tornar homem aumentando a intensidade de calor, mas o contrário não se fazia possível, já que o homem era o status da perfeição. Homem e mulher teriam prazer por todo o corpo e sementes da vida (para a reprodução) de forma equiparada; até que em 1559 Colombo Renaldus afirma sua descoberta do clitóris e problematiza: se a vagina já era o correspondente do pênis, então a mulher possuiria dois pênis? (LAQUEUR, 2001)

A questão não foi polemizada e o novo modelo, dos dois sexos, marco no século XVIII, esteve ligado à Revolução Francesa no ideal de liberdade, igualdade e fraternidade, que se referia não à diferenciação entre os sexos em si, mas à rediscussão do estatuto da mulher, sempre colocada em posição inferior.

Na Grécia Antiga, as relações masculinas já prevaleciam sobre as femininas, sendo o poder dos homens mais fortes que o das mulheres, uma vez que já havia um alinhamento numa ideia primitiva do que viria mais tarde ser considerado como sexo e gênero. Nesta época, a mulher era objeto de satisfação masculina, e depositária da semente do homem, o sêmen, para fazer desenvolver o bebê: a mulher cuidadora e reprodutora. Na prática, muitas dessas concepções estão engajadas nos nossos arranjos sociais, nas nossas instituições e pensamentos, bem como na educação que é perpassada de pais e mães para seus filhos e filhas. (GASPARETTO JUNIOR, 2010)

A partir daí uma série de elementos sociais e culturais vão se estruturando e colocando cada vez mais o homem em lugar superior à mulher. Faz-se mister ressaltarmos que estas concepções recaem não apenas no relacionamento de homens e mulheres, mas afetam os valores e formas de vida das sociedades, inclusive o conceito de

gênero, sexo e sexualidade, já que é tão demarcada uma diferença entre homens e mulheres, enquanto corpos e em papéis. (GASPARETTO JUNIOR, 2010)

Com a proclamação de igualdade dos direitos na Revolução Francesa, tornou-se necessário justificar a inferioridade das mulheres, e a ciência fundamenta a diferença a partir da natureza. Em contraposição ao modelo galênico, onde os sexos eram concebidos hierarquicamente e a regulação feita pelo masculino, é instituído o *two-sex model*, um modelo em que a distinção é ontológica e horizontal entre os sexos. (LAQUEUR, 2001).

Os órgãos passam a ter nomes diferentes no homem e na mulher, o sistema nervoso central e o esqueleto são estudados em suas especificidades, o orgasmo feminino não é mais visto como necessário à fertilização para a reprodução. As diferenças entre os sexos passam a ser pensadas como descontinuidade e oposição, sendo a base para a constituição do Gênero, concebendo homens e mulheres com essências e funções sociais diferentes. (LAQUEUR, 2001)

Aí está o fundamento epistemológico, biológico e cultural para uma política voltada ao modelo binário do gênero. O homem seria um ser da cultura, masculino, ativo e, por isso, voltado às questões e espaços públicos; a mulher um ser da natureza, feminino, passivo e ocupante das questões e espaços privados, como o lar e a família. Com esta divisão fortemente estabelecida, advém ainda que sexo (homem e mulher), gênero (masculino e feminino) e desejo (pelo sexo oposto) estariam alinhados, uma vez que homem e mulher deveriam se completar para cumprir as funções do público e privado, caracterizando as relações afetivo-amorosas denominadas heterossexuais (entre um homem e uma mulher), em forma de uma normatização legitimada socialmente.

Em História da Sexualidade I, Foucault (1994/1976) aborda que no século XIX o meio científico produz fortemente a "Scientia Sexualis" (Ciência Sexual), subordinada aos imperativos da moral, normalizada pela medicina - enquanto saber dominante, dotado de estatuto de verdade. Atribuiu males às oscilações sexuais, carregando até ao perigo da morte dos indivíduos, gerações e espécies; justificando assim uma higienização geral, que incluiu os racismos do Estado.

Tratou-se, para o autor, de uma fuga do insuportável: a verdade do sexo, através de um "discurso-encobridor", "dispersão-esquiva". A produção da verdade do sexo busca mascará-lo no final, dando-se incessantemente nas sociedades ocidentais pela *scientia sexualis*, na ordem de um poder-saber baseado na confissão civil e religiosa, que assume um papel de dever dentro do discurso, produzindo-o enquanto verdade do sexo; é uma ciência-confissão, tendo por objeto o inconfessável-confessado. O enunciante-enunciado não assume o foco, mas quem escuta, que além de impor a produção da verdade do sexo pelo discurso, ainda julga e pune. Está aí caracterizada a "vontade de saber".

A história da sexualidade deve ser vista na direção de uma história do discurso, que se por um lado impõe a repressão, por outro, promove o incitamento ao sexo, na variação da construção da história da sexualidade e na identificação e nomeação de suas especificidades. Estamos imersos no signo do sexo, como história, significação e discurso. Somos uma sociedade do sexo que fala (e o sexo fala sobre nós) e não do sexo que cala. "(...) trata-se de mergulhar a produção pululante dos discursos sobre o sexo no campo das relações de poder múltiplas e móveis." (FOUCAULT, 1994/1976, p. 101)

Foucault (1994/1976) aborda que a função polivalente tática do discurso, enquanto descontínuo, revela uma multiplicidade de elementos e estratégias. São mecanismos complexos dos discursos e também dos silêncios. Ora, temos simultaneamente, através da psiquiatria, jurisprudência e literatura médica, um controle das perversidades e a homossexualidade que vem falar de si, reivindicando legitimidade e naturalidade. Produzem-se efeitos globais, mas não estáveis, de dominação. As relações de força expressam um investimento do mundo ocidental numa ordem política de poder.

1.3 Construção das Identidades Sexuais

A emergência da discursividade do sexo, que se iniciou no final do século XVII, início do século XVIII, revela uma imensa vontade de tudo saber sobre ele. Se já não se fazia mais necessária a confissão penitencial, surge a tarefa de abordar tudo que se

enlaçasse ao mundo dos prazeres carnais, que se tornou gradativamente universal. Trata-se agora não mais de um **sexo que cala**, mas de um **sexo que fala** sobre nós. (FOUCAULT, 1994/1976).

Neste sentido, fica expresso o que o autor denomina poder-saber-prazer, que ancora o discurso sobre a sexualidade humana. Esta *vontade-saber* desmedida será o suporte e instrumento para o poder com relação ao sexo. Este é um poder que estimula a observação, a fala e a qualificação com relação ao sexo, incluindo se se é dotada de uma sexualidade desviante. Dizendo de outra forma, é um poder que, ao atuar nos corpos, fixa-lhes identidades, produzindo comportamentos úteis e dóceis socialmente, enquadrando-os como objetos de saber; ou seja, ao normatizar a sexualidade no exercício de um poder, ao mesmo tempo se define outras possibilidades de práticas sexuais enquanto especificidades, produz-se e fixa sexualidades múltiplas, considerando-as desviantes. A hipótese repressiva do sexo, concomitantemente, proíbe, censura e interdita, mas também investe e produz, revelando um poder que circula e uma resistência onde também permeia o poder. Os pontos das resistências, assim como o poder, atravessam estratificações sociais e unidades individuais. O poder não é fixo nem estático, circula e permeia ações e relações humanas.

Tomando o discurso como ato, que imaterializável, se materializa, Foucault (1996) afirma que vivemos um temor acerca das coisas ditas, que está na base do controle discursivo, do poder; dá-se pelo que pode haver nos enunciados de violento, descontínuo, batalhador, desordenado e perigoso, uma vez que o próprio discurso se constrói ativa e desordenadamente. Para analisar as condições do temor seria preciso primeiro tomar decisões de "(...) interrogar a nossa vontade de verdade; restituir ao discurso o seu caráter de acontecimento; finalmente, abandonar a soberania do significante." (p. 14)

É por isto que Foucault (1992/1975) aborda que as disciplinas constituem códigos de normalização, numa dominação das ciências humanas, fundadas como saber clínico. Fundamentam-se a partir do embate entre organização do direito em torno da soberania e as coerções disciplinares. Os seus discursos invadem incessantemente o direito, e, com o direito e as técnicas, a normalização se imbrica mais e mais às leis, explicando a

sociedade da normalização. No choque das normalizações disciplinares com os sistemas jurídicos em relação à soberania, é necessário um discurso mediador de um poder e saber, neutralizado pela validação científica, num movimento que termina realizando um retorno ao princípio da soberania. É o caso da medicina, que medicaliza os sintomas, psiquiatriza os comportamentos, e também promove uma higienização dos mesmos.

Na sexualidade, além da higienização médica, outra problemática funcionou de forma articulada: o advento da população. Se anteriormente a forma de governar se baseava no modelo de famílias, a partir da população a família é secundária, segmento interno da população, mas também privilegiada, pois as características da população (índices, comportamentos, etc.) passam pela família. A disciplina teve aí seu apogeu de valorização, para gerir a população. (FOUCAULT, 1992/1975)

Estamos falando de uma sociedade disciplinar, onde governo, população e economia política constituem, no século XVIII, o conjunto para a governamentalidade do Estado, com maior destaque que a estatização da sociedade. Isso acontece com o apoio da Pastoral, novas técnicas diplomático-militares e a polícia. O advento da população e a necessidade de geri-la, a necessidade de mão de obra fortalecida e a biologização dos corpos em forma de controle, junto às ciências sexuais, normalizam o discurso dominante à época, que promove o modelo de família nuclear burguesa (parte da população com maior poder econômico): pai, mãe e filhos a compõem; e ainda homens devem ser provedores e ativos e mulheres cuidadoras e passivas. (FOUCAULT, 1992/1975 e 1994/1976)

Foucault (1992/1975) considera que deveria ser em torno do novo, a um direito antidisciplinar, liberado da soberania, que se deveria marchar. Concebe as genealogias aqui como formas de fazer ciência como anticiências, mais atenta e exata, uma insurreição dos saberes, desvinculando do poder centralizador da instituição e do discurso científico. A genealogia como tática que ativa estes saberes, uma vez libertos da sujeição a partir da discursividade local. Numa análise arqueológica bem-sucedida acerca da sexualidade, encontrar-se-iam as práticas discursivas que estariam permeando as proibições, exclusões, interdições e permissões que possibilitariam formas de construção

da sexualidade enquanto objeto. Poderia assim ser demonstrado que essas formas se refeririam não a um discurso científico, mas à sua imersão em sistemas de valores e proibições. Entretanto, tal análise deveria ser feita não como uma episteme, mas no sentido de uma ética. (FOUCAULT, 2008/1969)

Ora, se o discurso é imbricado ao poder, e se o poder circula pelas individualidades e pelas instituições, o discurso então refere a formas ritualizadas e as verdades não se erguem, são construídas. Recebem o estatuto de válidas, reconhecidas e aceitas; bem como também outros discursos são relegados ao estatuto de inverdades, não validados e não aceitos. O controle discursivo tenta impedir, através de uma organização e seleção, a materialidade dos perigos e poderes do discurso, que na verdade referem-se ao desejo e ao poder, como a sexualidade e a política. Isso porque o discurso é o próprio objeto do desejo, é com e pelo que se luta. (FOUCAULT, 1996/1970)

Foi desta maneira que, no poder e na resistência, no discurso da confissão do direito e da religião, a partir das técnicas pedagógicas em torno do sexo e da higienização das perversões sexuais, se construíram as identidades sexuais, nomeando as especificidades, seja para proibi-las, seja para incitá-las.

Nesta nomeação, ao sexo é dado o estatuto de substância na linguagem, como um concreto que faz com que cada sujeito seja algo a partir da categoria sexual. Pensando na forma gramatical percebemos a construção linguística, que corrobora com a discursiva e normativa, onde a pessoa (sujeito) é (verbo de ligação) o seu sexo (predicado), ou seja, o sujeito é diretamente relacionado ao que se fala dele, ao que o qualifica gramaticalmente, impossibilitando todas as outras formas. Assim, a pessoa se restringe ao seu sexo e ao seu gênero, que é linear ao desejo e à prática sexual. (BUTLER, 2010/2003).

É cabal o questionamento de Butler (2010) de: que normas reguladoras fortalecem a matriz heterossexual materializando o sexo? Já que, como nos refere Arán, a partir das concepções de Butler, "neste sentido 'sexo' não é apenas o que alguém é, ou possui, ou seja, não é uma descrição estática, e sim um conjunto de normas materializadas pelas quais esse 'alguém' se torna de alguma forma viável e inteligível." (ARÁN, 2011, p. 3)

Desta maneira, os dispositivos sexuais são marcados de historicidade, de poder, de repressão e de incitação, produzindo e sendo produzidos nas relações sociais, dentre as quais estão as configurações da sexualidade e das próprias famílias. Sendo assim, sexo e sexualidade não foram sempre da mesma forma, não são estruturados, mas partes das formações sociais diversas, e, por isso, também não são dados essenciais das pessoas, e sim expressões variáveis em meio à sociedade.

Não há identidades definidas e prontas de gênero baseando as expressões humanas, uma vez que são constituições performáticas. Assim, a discussão sobre identidade não pode ser anterior à discussão sobre identidade de gênero, já que as pessoas se tornam inteligíveis socialmente ao assumir um gênero, conforme os padrões instituídos e reconhecíveis da própria inteligibilidade do gênero. (BUTLER, 2010/2003)

Essa discussão vai remeter ainda à família, que não pode ser, portanto, fixada num modelo idealizado, mas perpassada por diversos, incontáveis e mutáveis formatos. Neste sentido, Amazonas e Braga (2006) afirmam que nunca existiu a família, mas famílias, em suas multiplicidades, com suas diversas configurações.

1.4 Família e Gênero

Sexo, gênero, desejo, prazer e práticas sexuais são comumente pensados de maneira linear, na qual se estabelece a seguinte configuração: homem - masculino (forte, viril, ativo, provedor, desejo por mulheres), ocupante do espaço público; mulher - feminina (frágil, submissa, passiva, dependente, desejo por homem), ocupante do espaço privado. Sabemos que o modelo de família nuclear burguês é diretamente influenciado por essas marcações.

Butler (2010/2003) refere que a linearidade da expressão humana nas relações de coerência e continuidade entre sexo, desejo, gênero e prática sexual são concebíveis como inteligíveis, reguladas pelas normas existentes que estabelecem causas ou

expressões entre o sexo biológico, o gênero cultural e a manifestação do desejo nas práticas sexuais. Esta linearidade estabelece uma norma de gênero, ou seja, impõe uma maneira de Ser com duas possibilidades (visão binária do sujeito): homem se possui pênis, e mulher se porta vagina; trata-se de uma "heterossexualidade compulsória[3]".

Ora, se então o gênero é performático, tendo tantas possibilidades quanto forem as das expressões humanas, já que cada vez que é repetido torna-se diverso, o sexo também não revela uma substância fixa, mas uma maneira de si que muitas vezes diverge do biológico, e a sexualidade as várias formas de expressá-lo através das escolhas – as quais não se podem negar as influências das normas.

Não há então uma verdade do sexo, ou uma essência que dite como a sexualidade deva ser vivida, mas regulações dele, estabelecidas no tempo e na história. Por interesses (mão de obra fortalecida e reprodução), a heterossexualidade foi valorizada e as outras formas de sexualidade menosprezadas no século XIX, contexto em que foi instaurada a família burguesa, prezando pelo núcleo familiar e o sexo como prática dos pais (um homem e uma mulher), em seus quartos, em prol da reprodução. (FOUCAULT, 1994/1976)

É importante ressaltar que a família, geralmente compreendida como célula máter da sociedade, é considerada como pessoas que vivem juntas, unidas por laços de consaguinidade ou afetividade, com o propósito voltado à educação e à afetividade. No entanto, essas configurações são tão variadas que não podem ser consideradas como universais; a ideia de família normal refere-se a construções sociais, através dos dispositivos de poder que instituem modelos, os quais são incorporados juridicamente e subjetivamente. (ÁRAN, 2011)

O projeto católico-estatal do século XX, denominado por Remi Lenoir de "familialismo", prega uma política de família nuclear, heterossexual e reprodutora, onde

[3] Ao utilizar o termo "heterossexualidade compulsória", Butler (2010) toma emprestado o termo introduzido por Wittig, para expressar que as normas de funcionamento social ditam regras que dirigem a uma obrigatoriedade em se revelar numa sexualidade enquanto heterossexual, ou seja, apenas é legitimada a relação homem e mulher diante da sociedade.

ao mesmo tempo há uma decadência do paternalismo e uma ascendência da gestão coletiva das populações, constituindo o modelo de família normal como novo dispositivo central do Estado. Porém, desde os anos sessenta, esta estrutura de produção e reprodução social tem suas bases abaladas. Falências de empresas familiares, escolarização, profissionalização e entrada no mercado de trabalho por parte das mulheres, questionamentos sobre os costumes pelo movimento feminista, problematização das noções de casamento, parentalidade e filiação pelo movimento homossexual, separação entre sexualidade e reprodução, divórcio e separação, controle de natalidade e maternidade – controle sobre o próprio corpo feminino - foram adventos das transformações econômico-sócio-políticas que geraram tantas controvérsias acerca da família. A "crise da família" se direciona a uma divergência entre os conservadores que acreditam na necessidade de manter a antiga moral do familialismo, naturalizando a família normal, e os dissidentes que se pautam na família que se transforma com a evolução histórica. A questão posta é a ordem social e jurídica, naturalizada e a-histórica, e não propriamente a família como base do desenvolvimento humano e social. (ÁRAN, 2003 e 2011)

> Desta maneira, só é possível compreender a percepção catastrófica do "fim da família" que se apresenta junto com a crítica à entrada da mulher no mercado do trabalho, à separação da sexualidade da reprodução e mais recentemente ao casamento e a filiação homossexual, como uma atualização progressiva do familialismo que se expressa através de um conjunto de estratégias efetivadas por diferentes frações da classe dominante. Porém, diferentemente do familialismo na primeira metade do século XX, os partidários atuais da ordem familiar fundada sobre a família não têm como modificar as bases materiais e sociais de um mundo que já está em transformação. (ÁRAN, 2011, p. 65)

Neste ínterim, queremos retomar a etiologia da palavra família, que vem do latim *famulus*, que significa escravo doméstico, se referindo aos escravos legalizados na agricultura familiar das tribos ladinas, região onde atualmente se localiza a Itália. Ou seja, os já considerados membros eram os descendentes consanguíneos, que passaram a ter como parte da família, não como participantes iguais, mas através da servidão, os escravos, os últimos pertenciam aos primeiros. E dentre os membros consanguíneos

também sempre houve grandes diferenças, pois o modelo universal de família sempre foi nuclear e patriarcal, onde o pai é o chefe provedor a quem todos devem obediência, a mãe a cuidadora, reprodutora e esposa submissa, e os filhos a concretização de uma considerada estrutura familiar.

Lembrando que este modelo tradicional e religioso, sobretudo imposto pela igreja católica através da necessidade do sacramento do matrimônio, como única forma de reconhecimento de uma família cristã, foi criado para privilegiar um dono de escravos, de esposa e de filhos. Modelo este que já não cabe, não apenas porque a escravidão não é mais aceita quase no mundo inteiro, mas ainda porque as mulheres conquistam e lutam pela igualdade de direitos, já existe o reconhecimento de uniões de casais homossexuais, inclusive juridicamente em muitos países, e as próprias crianças tem reconhecidos seus direitos. (CUNHA, 2011) Consideremos ainda a liberdade religiosa que permite outras formas de pensabilidade.

Desta forma, considerando a família, com tantas transformações ocorridas ao longo do tempo, como um núcleo social, é preciso direcioná-la às diversas configurações possíveis, onde os vínculos são a sua caracterização, numa busca por garantia de bem-estar mútuo entre seus membros. (Amazonas e Braga, 2006; Mello, 2005)

Compreendendo assim a família como lugar primordial da transmissão de princípios – adquiridos e legitimados socialmente -, com objeto de estudo Normas de Gênero, faz-se mister pensar as reatualizações dos sistemas sexo-gênero na relação dos pais e mães que se concebem como heterossexuais, com seus filhos (as) crianças; assim, formulamos o questionamento: *Quais são e Como estão dispostas as normatividades de gênero em famílias que possuem em sua composição casais parentais heterossexuais em um bairro da região metropolitana do Recife?*

1.5 Problemática de Gênero

Os estudos que se referem a gênero, de uma maneira geral, enfocam as mulheres em relações de poder com os homens, onde são inferiorizadas. Ainda abordam com ênfase também relações entre hétero e homossexuais, onde os últimos também são rebaixados em posições hierárquicas. No entanto, Cyrino (citado em Brumer, 2009) lembra que estas relações implicam em "se questionar representações de gênero tradicionais que contribuem para criar um meio discursivo em que diferenças socialmente construídas são vistas como inevitáveis e naturais". (p. 19)

Tais dificuldades expressam ainda a necessidade de desconstruir pressupostos valorativos e morais, crenças que foram construídas socialmente em torno da visão binária de homem e mulher, masculino e feminino, hétero e homossexuais; ou melhor dizendo, hétero e todas as outras formas de vivenciar a sexualidade, uma vez que todas elas se baseiam na existência de um pênis ou uma vagina, tendo sido o gênero tradicionalmente considerado também de forma binária como as únicas possibilidades nos pólos masculino e feminino.

No sentido de uma identidade que sempre esteve ligada aos padrões de gênero, conceber sexo numa base biológica e gênero no campo da cultura, numa matriz heterossexual, sexo sempre terá sido gênero, uma vez que esta matriz implica num alinhamento de equivalência entre a natureza biológica e a construção cultural. Desta maneira, a ideia de identidade é normatizada pela fixidez de sexo, gênero e sexualidade, o que questiona a noção de pessoa quando há então incoerência e descontinuidade de gênero (inconformação às normas). O gênero não se refere à inscrição cultural de um sexo dado, mas deve apontar ao aparato que produz e estabelece os sexos. A maneira binária de pensar gênero é uma fábula fundante, constitutiva das estruturas jurídicas do liberalismo clássico; evoca-se um antes não histórico, garantindo uma ontologia pré-social, e assim a legitimidade do contrato social: sexo-coisa e identidade de gênero como definidora (bases do paradigma naturalista). (BUTLER, 2010/2003)

Enfatizando as estruturas de poder contemporâneo, Butler (2010/2003) localiza as estruturas jurídicas da linguagem e da política e considera que “não há posição fora desse campo, mas somente uma genealogia crítica de suas próprias práticas de legitimação.” (p. 22) Genealogia, já proposta por Nietzsche, apropriada por Foucault numa proposta de investigar as apostas políticas e a identidade como efeitos das instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos, numa análise arqueológica, que leve em conta as contingências históricas.

Como aborda Foucault (2008/1969), a ideia não é necessariamente negar experiências anteriores ao discurso, mas compreender os objetos em sua formação, a qual inevitavelmente perpassa por regras que a permitem; e concebê-los como objetos do discurso, envolvidos em condições históricas para seus aparecimentos: “(...) fazer uma história dos objetos discursivos.” (p. 58) Não se refere a uma busca de sentido próprio às palavras em determinadas épocas. Não se remete aos elementos de significação léxicos, nem semânticos, mas busca identificar os relacionamentos que caracterizam as práticas discursivas. É uma análise justamente do que torna o discurso irredutível às palavras ou à língua, e é ainda o que é preciso fazer aparecer e ser descrito. As relações discursivas não são internas ao discurso na construção da língua, não ligam conceitos, palavras, possibilidades dedutivas, nem retóricas. Também não são exteriores, forçando a forma a enunciar coisas. Estão nos limites, dando os objetos de que podem falar, determinando a teia de relações que se efetuam para falar deles, abordando, nomeando, classificando, onde o discurso não ocupa um lugar da livre expressão, mas de execução do poder. A doutrina, e a doutrinação, revelam um caráter que leva os indivíduos à vinculação exclusiva com tipo de enunciados, que os faz cindirem, romper mesmo com todos os outros.

> Educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos no entanto que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos,

> com os saberes e os poderes que estes trazem consigo. (FOUCAULT, 1996/1970, p. 12)

É importante a referência que Foucault (1996/1970) nos faz sobre a história em sua mudança de concepção acerca dos acontecimentos. Ela já não os procura compreender pelas causas e efeitos, mas busca as a eles estranhas e anteriores estruturas. Tenta entender os entrecruzamentos, as margens e as condições que fizeram aparecer o acontecimento, com um jogo de noções baseado em regularidade, acaso, descontinuidade, dependência, transformação. Considerando este jogo como parte do discurso, é pelo que esta análise do discurso interage com o trabalho dos historiadores. Neste sentido, o autor nos esclarece que o discurso não é um corpo, como também não é anterior ao ato e seus efeitos; é o próprio acontecimento, é o próprio efeito, seria a materialidade do incorpóreo.

Não se trata de negar as estruturas, mas de problematizá-las, questioná-las, numa análise histórica com base nos emaranhados dos sujeitos, suas questões, origem, consciência. O discurso com base na análise histórica não pode estar vinculado a sujeitos anônimos, é preciso lembrar que são os próprios sujeitos que constroem a história e a interpretam, de maneiras múltiplas e não individuais. É a essa observação diversa, de forma crítica, nos entrelaçamentos, nas possibilidades, nas questões e no próprio discurso que é preciso se direcionar. (FOUCAULT, 2008/1969)

A busca por unidade discursiva, numa análise arqueológica, impulsiona a um relacionamento que caracteriza o discurso enquanto prática. Não é uma proposta de unificação do sujeito, mas de analisar o discurso como desenvolvimento de sua dispersão,

> (...) nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala. Se esses planos estão ligados por um sistema de relações, este não é estabelecido pela atividade sintética de uma consciência idêntica a si, muda e anterior a qualquer palavra, mas pela especificidade de uma prática discursiva. Renunciaremos, pois, a ver no discurso um fenômeno de expressão - a tradução verbal de uma síntese realizada em algum outro lugar; nele buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz:

> é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. (FOUCAULT, 2008/1969, p. 66)

Para Butler (2010/2003) é preciso considerar que o gênero não é tudo que alguém é, já que há tantas outras categorias envolvidas, como: raça, classe, etnia, sexo, religião, e ainda suas inter-relações. Concebemos que não há de fato uma expressão completa do gênero, já que o sujeito é envolvido em contingências que não podem ser desmerecidas; ou seja, as expressões são sempre performáticas.

Corroborando com a norma e estabelecendo fronteiras, a partir da nomeação, o gênero é um constante repetir e o sexo um ato performativo de dominação e coerção instituintes - através de uma percepção específica de corporeidade e formas de ser – de uma realidade social. Entretanto, se há a necessidade de uma repetição para a reiteração da norma, é ainda a possibilidade de fazer a diferença. Desta forma, se a norma proporciona a naturalização do masculino e feminino, por outro lado também produz suas desconstruções e desestabilizações como resistências, que aparecem nas multiplicidades. (ÁRAN & PEIXOTO JÚNIOR, 2007)

> Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 2010, p.24 e 25)

2. METODOLOGIA

> Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho.
>
> Mahatma Gandhi

2.1 Natureza da Pesquisa

Na presente pesquisa adotamos o modelo de uma metodologia qualitativa por adequar-se aos nossos objetivos de realização de uma análise mais profunda. Na pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2010), é possível haver um aprofundamento das questões, revelando a inevitável relação entre conhecimento e interesse, condições históricas e avanço da ciência, pesquisador e seu objeto de estudo, bem como a necessidade interna e externa na objetivação do saber. Minayo e Sanches (1993) consideram que a abordagem qualitativa é capaz de compreender

> o social como um mundo de significados passível de investigação e a linguagem **comum** ou a "fala" como a matéria-prima desta abordagem, a ser contrastada com a prática dos sujeitos sociais. Como nossa intenção é um estudo voltado para as questões sociais, compreendemos a metodologia qualitativa como fundamental para a produção do conhecimento proposto e desejado quando realizado o projeto desta pesquisa. (p. 240)

Levando em consideração que a nossa intenção é um maior aprofundamento possível de questões sociais, envolvidas nos contextos familiares, a pesquisa qualitativa se faz de fundamental importância, pois possibilita observar as minúcias e singularidades desejadas. Então, a realização com um menor número de pessoas, partindo de um critério de saturação, como será explicitado ao abordarmos o item acerca dos participantes, se deu para dar conta de um objetivo pré-definido de um olhar mais acurado sobre as questões lançadas.

No entanto, “uma das questões colocadas sobre a cientificidade das ciências sociais diz respeito à plausibilidade de se tratar de uma realidade na qual tanto investigadores como investigados são agentes: esta ordem de conhecimento não escaparia radicalmente a toda possibilidade de objetivação?” (Minayo e Sanches, 1993, p. 243)

Neste sentido, adotamos ainda a concepção de objetividade de Haraway (1995), referindo-se a uma busca intencionada, no sentido de que o pesquisador parte de um lugar de conhecimento e identificação, com uma proposta interessada de saber que fica previamente esclarecida. Neste caso, tivemos o interesse em saber como as famílias estudadas reatualizam os sistemas sexo-gênero, já partindo do pressuposto de que elas fazem isso, legitimando as normas de gênero que estão dispostas socialmente.

Para a autora, assumir de onde é o olhar do pesquisador ou da pesquisadora, permite que leve a um direcionamento pretendido que possibilita uma objetividade que é buscada, embora seja necessário observar se de fato as hipóteses concebidas anteriormente à fase de coleta de dados e análise são confirmadas. No caso da pesquisa qualitativa, poderíamos considerar que vai além de uma confirmação de hipóteses, mas uma compreensão de como ocorrem os processos observados e analisados.

Minayo e Sanches (1993) abordam ainda sobre a observação feita por cientistas sobre a pesquisa na área social questionando se “ao buscar instrumentos de objetivação do social apenas através da quantificação das uniformidades e regularidades, não se estaria descaracterizando o que há de essencial nos fenômenos e nos processos sociais.” (p. 243) Baseado nesta observação é que consideramos que nossa busca pelos processos envolvidos na temática se dirigiu de maneira acertada e clara para uma pesquisa qualitativa, com um rico material que pôde ser coletado e analisado.

Desta forma, consideramos esta abordagem como a mais adequada aos nossos objetivos, uma vez que levamos em conta as contextualizações histórico-sociais. Salientamos ainda neste aspecto a visibilidade que as questões de gênero vêm tomando, e a partir daí definimos nossa técnica, que será descrita mais à frente. Para Minayo e Sanches (1993), “um bom método será sempre aquele, que permitindo uma construção correta dos dados, ajude a refletir sobre a dinâmica da teoria. Portanto, além de

apropriado ao objeto da investigação e de oferecer elementos teóricos para a análise, o método tem que ser operacionalmente exequível.” (p. 239)

2.2 Participantes:

Os participantes foram quatro casais heterossexuais, pais e mães de uma menina e um menino, da região metropolitana do Recife, de classe média. Na medida em que realizávamos os procedimentos com as pessoas que aceitavam participar da pesquisa, avaliávamos se o número de participantes já se fazia suficiente ou se precisaríamos convidar mais casais, tendo considerado os quatro casais possibilitadores de uma riqueza de dados a serem analisados.

Os pais e mães foram encontrados por facilidade de acesso, com prévio conhecimento da pesquisadora ou indicação de casais com quem já havíamos realizado a pesquisa.

Inicialmente esta abordagem com os pais e as mães de cada casal seria através de uma escola. Acordamos com a diretora que ela faria o contato inicial e solicitaria autorização para que nós pudéssemos realizar a pesquisa com os casais e os que autorizassem, entraríamos em contato para combinar as condições para o procedimento de coleta.

As primeiras mães contactadas pela diretora da escola disseram aceitar participar da pesquisa e autorizaram nossa ligação. Porém, quando tentamos abordá-las, o acesso foi dificultoso: em alguns casos telefonávamos, mas não as encontrávamos no número disponibilizado, estando ausentes por diversas vezes; em outros, afirmavam que iriam primeiro comunicar aos maridos e nos dariam um retorno sobre a possibilidade de realizarmos o procedimento de coleta, mas não retornavam. Esta situação se repetiu por algumas vezes. Então avaliamos que esta situação poderia inviabilizar nosso trabalho e optamos por utilizar outra forma de encontrar os/as participantes.

Desta forma, procuramos contato com pessoas próximas, que se colocaram à disposição, bem como com outros casais indicados por aqueles casais que já haviam participado.

Utilizamos um questionário sociodemográfico (Anexo B) com os participantes para uma melhor compreensão das formas de pensabilidade diante das escolaridades, profissões/ocupações, local de nascimento, cor/raça e religião, como disposto abaixo:

Tabela 1. Quadro sociodemográfico

Iniciais	Parentalidade	Idade	Escolaridade	Ocupação	Cor	Religião	Naturalidade
DSFV	Mãe	35	Superior completo	Arquiteta	Branca	Espírita	Jaboatão dos Guararapes
JRCV	Pai	40	Superior completo	Operador de instalações	Branca	Espírita	Caruaru
MRSL	Pai	33	Superior incompleto	Programador	Parda	Espírita	Recife
GHCL	Mãe	36	Superior incompleto	Mãe cuidadora	Branca	Espírita	Recife
MPSB	Mãe	34	Superior completo	Assistente social	Parda	Católica	João Pessoa
EJBS	Pai	38	Superior incompleto	Técnico em informática	Branca	Católico	Recife
CCSH	Pai	36	Superior completo	Comerciante	Branca	Não definida	São Paulo
ABH	Mãe	41	Superior completo	Comerciante	Branca	Espírita	São Paulo

Buscamos com este quadro registrar o nível de variação entre os pais e mães participantes desta pesquisa, explicitando os critérios utilizados de forma a não haver uma diferenciação tão grande entre as pessoas. Vejamos:

Tabela 2. Variação do quadro

Parentalidade	Idade	Escolaridade	Ocupação	Cor	Religião	Naturalidade
4 Pais 4 Mães	De 33 a 41 anos (8 anos de variação)	3 Superiores incompletos 5 Superiores completos	1 Arquiteta 1 Cuidadora 1 Área social 3 Área tecnológica 2 Área comérciária	6 Brancas 2 Pardas	1 Não definida 2 católicas 5 espíritas	4 Região metropolitana do Recife 1 Caruaru 1 João Pessoa 2 São Paulo

Dentre as diversidades nos perfis dos colaboradores e colaboradoras da pesquisa, insta destacar que, com relação à naturalidade, mesmo os nascidos fora da Região Metropolitana do Recife, residem nesta há pelo menos cinco anos. O outro aspecto que apareceu foi a religião, o qual poderia ser tema de aprofundamento numa pesquisa futura.

2.3 Instrumentos:

Utilizamos a técnica de Desenhos-Estórias com Tema, que se trata da solicitação da confecção de desenho (a partir de uma orientação dada), seguida da contação de uma estória e atribuição de um título a essa estória. A escolha desta técnica se deu porque os desenhos permitem a expressão das manifestações de conteúdos conscientes e inconscientes, já que o sujeito fica livre, não sendo imposta nenhuma restrição ao seu pensamento. A realização de desenhos e estórias possibilita maior clareza e profundidade através da ativação de mecanismos e dinamismos da personalidade. (TRINCA, 1976)

Como o tema de Gênero vem tomando certa expansão e visibilidade, procuramos estabelecer nesta pesquisa formas que fossem além de um discurso politicamente correto, que pudesse pregar apenas o que se está pairando nas expressões da mídia ou dos

próprios ativistas da área. Por isso, optamos por uma técnica que fosse capaz de permitir conteúdos conscientes e inconscientes e sem restrição ao pensamento, como se dá no uso de desenhos e estórias.

> Procedimentos especiais, pelo seu caráter indireto, podem evitar distorções oriundas das limitações dos sujeitos na utilização de modos discursivos característicos de camadas sociais mais instruídas do ponto de vista formal. Outras vezes, os sujeitos expressam-se de modo "politicamente correto", porque conhecem as expectativas acerca de certos temas, omitindo ou transformando propositadamente. (Aiello-Vaisberg, 1997, p. 263)

Neste caso, optamos pelos Desenhos-Estórias com Tema para realizar o enfoque no tema proposto de Normas de Gênero nas Famílias. Além disso, a escolha se deu pela facilidade de aplicação e abertura à interpretação significativa. Segundo a autora,

> do ponto de vista pragmático, os procedimentos projetivos oferecem muitas vantagens no sentido de aplicabilidade à pesquisa, sendo alguns, como é o caso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, particularmente flexíveis, adaptando-se facilmente à pesquisa de diferentes objetos sociais em grupos de sujeitos com características variadas. (p. 262)

A escolha foi ainda corroborada para possibilitar o aprofundamento da pesquisa, já que se tratava de um estudo qualitativo, abordando formas de buscar as expressões conscientes e inconscientes através dos desenhos, estórias e falas nas entrevistas que se propuseram a complementar o procedimento da coleta de dados com cada pai e cada mãe.

A técnica de Desenhos-Estórias com Tema foi desenvolvida com fundamentação psicanalítica, porém tem sido utilizada para pesquisas em diversas perspectivas teóricas, desde a psicanálise até a comportamental. Em nosso estudo, pretendemos fundamentar a análise na literatura pós-estruturalista.

Assim, fundamentamos nosso trabalho em autores como Michael Foucault (1992, 1994, 1996 e 2008), Judith Butler (2010), dentre outros, os quais buscam uma compreensão mais flutuante acerca das questões da subjetividade humana e social. Desta forma, compreendemos ainda que tal literatura coincide com a objetivação da técnica de Desenhos-Estórias com Tema, uma vez que a mesma procura ir mais além dos números e das interpretações óbvias dos dados.

Articulando maior compreensividade, fundamenta-se a sequência da entrevista semiestruturada, com roteiro norteador (ver Anexo C), porém livre para inclusão de questões que se percebam a posteriori importantes. A partir da pergunta disparadora "Você poderia me falar um pouco sobre o modo como educa seu(s) filho(s) e sua(s) filha(s)?", propiciando o discorrer da fala, seguida de outras perguntas que estavam presentes no roteiro ou que se faziam pertinente no momento da entrevista, foi possível obtermos um manancial de informações que permitiu darmos continuidade ao processo da pesquisa na natureza em que havíamos nos proposto.

Vale ressaltar que o uso destas técnicas, buscando além do desenho mas também as informações dos(as) participantes foi fundamental pois a fala é ao mesmo tempo reveladora e estruturante de sistemas de valores, normas e símbolos, podendo ser compreendidos através de seus porta-vozes nos contextos sócio-econômico-culturais. (MINAYO, 2010). É neste sentido ainda que podemos considerar que uma pesquisa de natureza qualitativa faz jus à ciência, servindo de base para discussões e intervenções na área, bem como sendo um norte para futuras análises.

As técnicas foram aplicadas com cada membro do casal parental, em situação de conjugalidade e ambos possuindo estabelecidas relações de convivência e responsabilidade perante as crianças. A quantidade de casais se deu por critério de saturação, totalizando em quatro, ou seja, oito participantes. Foi utilizado um gravador para registrar as estórias contadas, bem como as expressões nas entrevistas a fim de garantir maior fidedignidade à pesquisa. Todos e todas participantes leram o termo de consentimento livre e esclarecido que explicava do que se tratava a pesquisa e solicitava autorização para realizá-la, gravando as falas e guardando os desenhos, possibilitando ainda futuros estudos. Após ler, cada um e cada uma assinaram, garantindo que as questões éticas do sigilo, da metodologia, dentre outras explicitadas, fossem asseguradas. Outra garantia fundamental para os (as) participantes foi que antes de realizar a pesquisa, o projeto foi aprovado pelo Conselho de Ética da Universidade Federal de Pernambuco, que orienta e exige os critérios de respeito e cientificidade acadêmico que uma pesquisa necessita seguir.

2.4 Procedimento de coleta dos dados

Após um primeiro contato e concordância em colaborar com a pesquisa, o procedimento se deu em locais que foram mais viáveis aos sujeitos, sendo a maioria em suas próprias residências, em horários em que estavam disponíveis, como à noite ou em dias de fim de semana, de forma a não atrapalhar horários de trabalho ou da própria rotina semanal. Desta forma, foi fundamental que cada coleta tenha ocorrido em um recinto onde se pôde fazer a aplicação dos instrumentos de forma privada e cada componente do casal de uma vez para que não viesse a influenciar o outro ou a outra, como lhes foi explicitado inicialmente.

Realizamos o contato e o procedimento de coleta de dados com os participantes e as participantes em dois meses, em uma sessão com duração média de 45 minutos com cada sujeito. Esse tempo foi flexível, sofrendo alteração de acordo com a necessidade de cada caso, onde o (a) entrevistando (a) ficava livre para desenhar ou responder no tempo que fosse necessário.

Antes da realização propriamente das coletas, possibilitamos os esclarecimentos a respeito da pesquisa e informamos que seria assegurado sigilo sobre as identidades, solicitando em seguida que cada participante fizesse a leitura e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide Anexo A). O procedimento foi concedido individualmente com cada sujeito, sendo gravadas as falas - o que também tiveram conhecimento. As falas foram transcritas, com o máximo de fidelidade possível e armazenadas para possíveis usos posteriores com fins de pesquisa.

Durante a aplicação foi solicitado ao participante que realizasse dois desenhos: 1- Desenhe como você se relaciona com seu filho. Ao final desta tarefa, foi pedido que contasse uma estória sobre o desenho. 2- Desenhe como você se relaciona com sua filha. Ao final desta tarefa, foi pedido novamente que contasse uma estória sobre o desenho.

Em caso de dúvida ou resistência, foi esclarecido e encorajado no sentido da livre expressão, abordando que não havia exigência determinada além da instrução geral. O (a)

participante teve disponibilizado para realização das atividades um lápis preto e doze unidades de lápis coloridos. Não foi permitido o uso de borracha, mas o examinando teria a seu dispor outra folha, caso solicitasse, o que não ocorreu em nenhum dos casos.

Durante a aplicação foram anotadas as expressões de cada participante, como risos, pausas, gestos, recusas, de forma que fizeram parte da análise. Finalizada a estória, a pesquisadora realizava questionamentos a propósito de esclarecer todas as dúvidas acerca do desenho e da estória. Em seguida solicitava que o sujeito desse um título à estória. Tanto os questionamentos quanto o título foram feitos com o primeiro desenho e depois com o segundo, respectivamente. Por fim, foi realizada a entrevista semiestruturada, que serviu de complementação das informações.

Ambas as técnicas foram utilizadas em complementaridade de forma a garantir uma maior clareza diante das informações, dos desenhos, das estórias e das falas, pois todas as formas de expressões conjuntamente fizeram parte do manancial de dados a serem trabalhados. Desta forma, percebemos o quanto a pesquisa qualitativa é importante para uma compreensão mais aprofundada do tema, nem por isso perdendo sua cientificidade por estar baseada em técnicas anteriormente fundamentadas em seus usos e propósitos. "A corrente compreensivista — mãe das abordagens qualitativas — ganhou legitimidade à medida que métodos e técnicas foram sendo aperfeiçoados para a abordagem dos problemas humanos e sociais." (Minayo e Sanches, 1993, p. 243)

2.5. Procedimento de análise dos dados

Analisamos os dados coletados a partir de uma perspectiva foucaultiana, levando em conta o conjunto obtido a partir das técnicas utilizadas como instrumentos complementares. Os dados foram submetidos a uma Analítica Descritiva das Práticas Discursivas e Não-discursivas, com base num sistema de pensamento foucaultiano, que

possibilitou maior compreensão a partir de uma leitura e observação flutuantes[4] dos conjuntos de dados, sendo interpretados em articulação com a literatura de apoio. Desta forma, à medida que a pesquisadora, juntamente com a orientadora, trabalhavam com o material coletado, concomitamente teorizavam sobre ele num movimento constante e também flutuante.

Foucault propõe uma análise arqueológica – que considera os imbricados do discurso na formação dos objetos e da sociedade, bem como o contexto histórico que faz aparecer os acontecimentos. (FOUCAULT, 2008/1969) Se por um lado o discurso pode ser visto enquanto prática de relacionamentos diversos do humano, por outro também é execução de poder. O discurso como prática humana, que se dá na relação, como forma violenta, repressora, e também incitante e produtiva de vivenciar o poder. As funções do discurso, como aborda Foucault (1996/1970)[5], circulam e vêm demarcar os contextos históricos que a sociedade vivencia. Por isso podemos considerar a análise do discurso foucaultiana como forma de fazer pesquisa que possibilita a compreensão/interpretação através do próprio discurso – considerando-o em sua diversidade (a escrita, a fala, o que é dito e os silêncios).

Foucault (1992/1975) aborda que os saberes localizados, enquanto críticas em recortes temáticos, ao contrário das teorias totalitárias e globais que desejam dar conta de tudo, são capazes de, trabalhando com uma unidade suspensa e despedaçada do discurso, voltar a uma totalidade teórica. Percebemos como a análise do discurso, apoiada nas compreensões de Foucault, em pesquisa qualitativa, se torna um importante recurso para a compreensão dos processos sociais em suas variadas formas ativas, das relações entre os sujeitos, e das circulações de poder e resistências em que estamos submersos em nosso tipo de sociedade. (Foucault, 1996/1970)

[4] Trinca (1976) considera de fundamental importância a observação flutuante nos Procedimentos de Desenhos-Estórias e seus derivados, uma vez que possibilita emergir conteúdos latentes dos examinandos, aos quais o examinador deve estar atento, estando apto a realizar uma análise mais acurada.

5 O texto aqui referido "A ordem do Discurso", reeditado em 1996, consiste na aula inaugural de Michael Foucault presidida no Collège de France, em 1970.

E ainda, a técnica dos desenhos-estórias com tema, proposta por Trinca, foi de suma importância justamente por permitir que os conteúdos latentes pudessem ser manifestados para então serem analisados enquanto discurso. “Ouvindo subversivamente pode-se chegar, inclusive, à recriação da própria mensagem, aí sim estabelecendo uma interlocução com alguma conceituação teórica preestabelecida, o que é muitíssimo diferente de interpretar usando teoria como ‘chave’” (Aiello-Vaisberg, 1997, p. 266)

A ideia de Aiello-Vaisberg, ao abordar sobre a pesquisa qualitativa e sobre o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, corrobora com a concepção de discurso proposta por Foucault e seu uso na pesquisa, pois procura não demarcar fixamente as concepções, mas ir de forma flutuante questionando, talvez como o movimento mais importante em pesquisa, uma vez que as respostas prontas e previamente estabelecidas não dão conta do pensamento científico atual, que se direciona a abrir um leque de possibilidades cada vez maior para as compreensões e a construção, sempre fluida, do conhecimento.

Neste sentido, sentimos-nos fundamentadas e ainda fortalecidas ao utilizar este conjunto de autores e teorias, entre questões argumentativas e práticas, de forma a alcançar nossos objetivos de estudo, com a clareza de que o conhecimento deverá sempre estar por vir.

3. ANÁLISE DOS DADOS

> Na vida, não vale tanto o que temos, nem tanto importa o que somos. Vale o que realizamos com aquilo que possuímos e, acima de tudo, importa o que fazemos de nós!
>
> Francisco Xavier

Foram analisados dois tipos de materiais, coletados com cada sujeito: o primeiro os desenhos das estórias e seus títulos, obtidos a partir da técnica de desenhos-estórias com tema de Trinca (1976), e o segundo as entrevistas semiestruturadas. Após investigarmos os discursos, selecionamos os elementos mais relevantes e agrupamos em três categorias de análise que dialogam com o objetivo da pesquisa: 1- Educação Geral, envolvendo o modo como o casal parental educa o filho e a filha e o que seria mais importante na educação de ambos, 2- Educação e Gênero, referente às maneiras de educar menino e menina e as concepções sobre masculino e feminino e 3- Educação e Sexualidade, relacionado aos aspectos mais importantes no que concerne à sexualidade do filho e da filha e quais seriam as suas percepções sobre as pessoas não heterossexuais.

A seguir, analisaremos, à luz da teoria adotada, os fragmentos das falas e os desenhos contemplando as temáticas de gênero, sexualidade e família, entrelaçadas à educação de meninos e meninas praticada por casais heterossexuais.

3.1 Eixo 1 - Educação Geral

Como afirma Foucault (1994/1976), o sexo e o dispositivo da sexualidade foram construídos socialmente com a finalidade de justificar as diferenças entre homens e mulheres e, consequentemente, homossexuais e heterossexuais. Se há normas para o que se é enquanto homem ou mulher a partir de um aparato biológico, então também há proporcionalmente para masculino e feminino respectivamente, enquanto gêneros

considerados normais na humanidade. A partir desta ideia do que é natural, enquanto essência masculina de homem ou feminina de mulher, a educação no seio familiar também é perpassada por questões de gênero, no que diz respeito às normas que buscam materializar as pessoas. E consequentemente ainda é fundada a concepção de família normal: aquela que é composta por um casal heterossexual, monogâmico e reprodutivo. (ÁRAN, 2003 e 2011)

Por outro lado, o gênero, enquanto materializa e nomeia a partir da norma, reiterando-a em incessantes repetições, é ao mesmo tempo o que promove a diferença, uma vez que a cada repetição é divergente, por se tratar de expressões performáticas, onde cada uma é única, já que os sujeitos estão envolvidos em várias contingências, para além do gênero, como raça, classe, etnia, sexo, religião, e ainda suas inter-relações. Ao mesmo tempo em que a norma produz a naturalização do masculino e feminino, também realiza suas desconstruções na multiplicidade das resistências, enquanto também expressão humana. (ÁRAN & PEIXOTO JÚNIOR, 2007)

Quando nos debruçamos no rico manancial das falas dos nossos entrevistados, nos chamou bastante atenção que, ao mesmo tempo em que o respeito se colocava como fundamental na educação tanto de meninas como meninos, já apareciam questões relacionadas à sexualidade e gênero. Assim, educação, no que se refere ao respeito, bem como educação escolar, são vistas como semelhantes para menino e menina.

No casal 1, por exemplo, ao abordarem sobre o que consideram mais importante na educação do filho e da filha, ficou claro a ênfase nos valores morais de amor e respeito ao outro, salientando o desejo de formarem uma criança do "bem":

> Ser uma criança do bem. (...) o relacionamento da gente com o próximo.
> É respeitar o próximo. Eles respeitando, sendo crianças amáveis, respeitando, ele pode ser o que ele quiser. (Mãe casal 1)

> Olha, é carinho e o amor, tem outra coisa não. (...) eu acho que o afeto e amor em casa é o mais importante, o resto você conquista. (Pai casal 1)

No entanto, no que diz respeito à educação com relação ao trato e às relações, aparece ainda a dúvida do pai de como educar uma menina, ou seja, ela é colocada no lugar de incógnita com relação a educação que não seja a escolar. Trata-se do desconhecido e do seu oposto, não podendo então ser compreendida. Esta situação não se repete quando se trata do menino, pois é seu semelhante diante da norma de gênero, território conhecido que sabe como lidar. Tal expressão fica clara nos seguintes trechos de sua fala, bem como nas próprias expressões corporais que realiza:

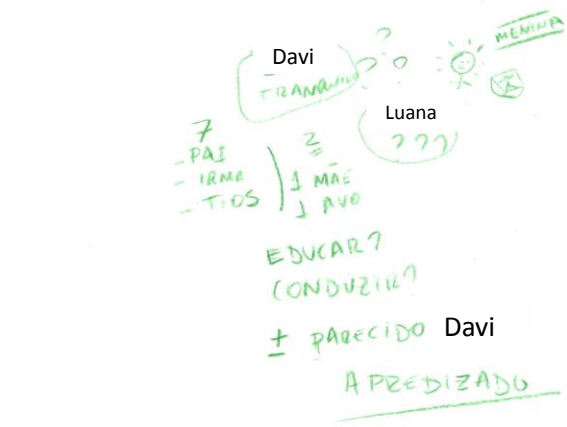
> Não tenho dúvida em relação à educação que vou dar pra Luana. Não sei no lido pessoal como vou ter com ela, com Davi eu sei que vai ser mais fácil. (Pai casal 1)
>
> Mas educação de escola, orientação de casa, isso é, eu não vejo diferença. (Pai casal 1)
> Eu sempre tive meninos, na minha vida. Até minha mãe teve que cuidar com linha dura. (Respiração profunda) Agora ela vai ser uma coisa que, eu tenho várias interrogações, (pausa) principalmente por isso. Para Davi (pausa, respiração), eu fico tranquilo, eu sei o que vou fazer (pausa). Pra Luana (pausa), seria isso aqui (apontando para o desenho de interrogações). [Estória com relação à menina] (Pai casal 1)

Sabemos que as normas de gênero se constituíam a partir de uma ordem naturalizada dos corpos, dos aparatos biológicos, demarcando as múltiplas possibilidades das subjetividades. (BUTLER, 2010/2003). Desta forma, a posição do pai parece corroborar com o pensamento binário de diferença entre homens e mulheres, como masculinos e femininos respectivamente, que fundamenta o conhecimento entre os sexos e gêneros alinhados entre si (BUTLER, 2010/2003); ou seja, homens (masculino) e mulheres (feminino) é que se conseguem compreender, cabendo ao pai a educação do menino e à mãe à educação da menina de forma mais direta.

Esse aspecto fica bastante evidente também nos desenhos (ver desenhos 3 e 4). O desenho referente ao menino, o pai consegue realizar rapidamente, descrevendo o desenvolvimento esperado para o filho à medida que desenha, relatando a vivência de lar, escola, universidade e por fim casamento heterossexual, gerando um filho e indo visitar o pai “velhinho”.

Desenho 3 – Pai casal 1 (Relação com o filho)

Desenho 4 – Pai casal 1 (Relação com a filha)[6]



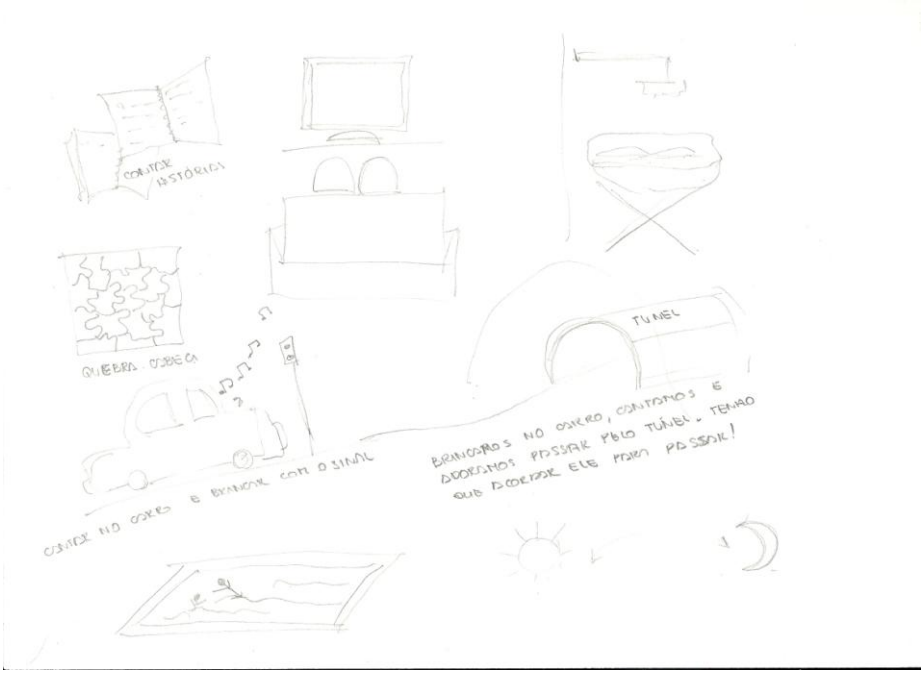
[6] Os nomes do filho e da filha foram cobertos no desenho com os nomes fictícios utilizados na análise de forma a resguardar o sigilo neste estudo.

Para compreendermos as explicitações acerca do desenho em relação à menina, faz-se mister tomar conhecimento da história contada pelo pai, que remete à sua própria vivência de família onde foi educado:

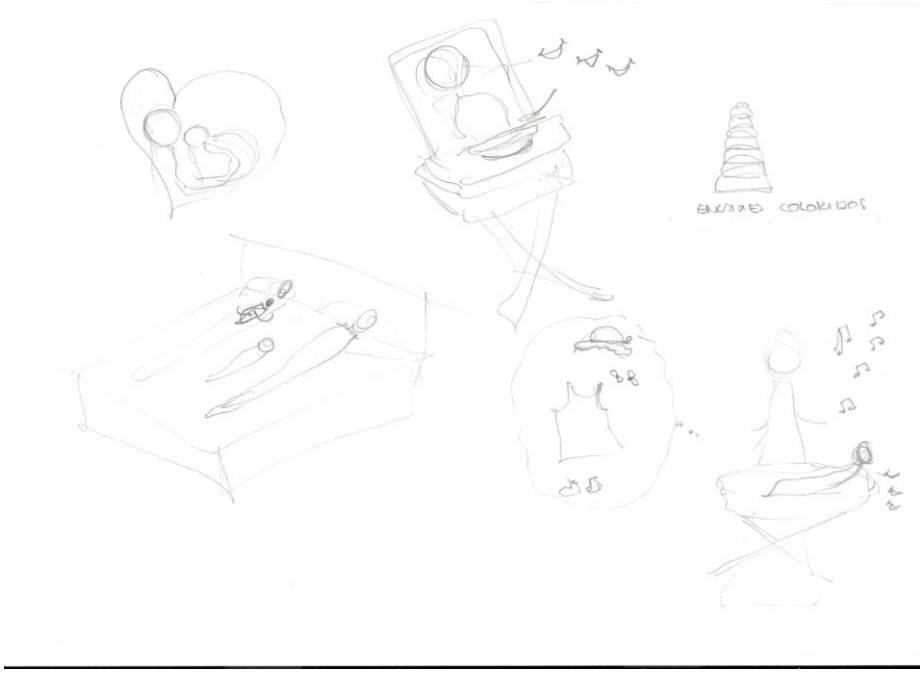
> Eu cheio de coisas como cuidar, por ser uma menina. Eu sempre tive meninos na minha vida. Até minha mãe teve que cuidar com linha dura. Agora ela vai ser uma coisa que, eu tenho várias interrogações, principalmente por isso. Para Davi, eu fico tranquilo, eu sei o que vou fazer. Pra Luana, seria isso aqui [apontando para o desenho de interrogações]. Eu tive um pai, tive um irmão, tios e apenas uma mãe de sexo feminino, e minha avó. Então isso aqui a gente tem uma proporção de tipo: sete pra dois, de convivência. Então, eu não sei cuidar de uma menina, eu não sei como educar, não sei como conduzir. Eu sei que assim, deve ser mais ou menos parecido com Davi, mas eu não sei. Não sei limpar, não; carregar, ela é delícia pra carregar, mas não sei limpar, não sei cuidar, não sei tratar, eu não sei como educar, não sei qual é a hora que eu vou prender, não sei a hora que eu vou soltar, não sei as coisas que eu vou dizer. Davi eu sei tudo, Luana eu não sei nada; são dois opostos, é essa minha situação. Mas eu sei que vou aprender né, tudo isso no final tem o quê? Aprendizagem! Alguém vai ter que ensinar, sei quem vai ser não (tom de risos). Pronto é esse meu desenho. (Pai casal 1)

Desta maneira, no desenho em relação à menina o pai do casal 1 refere muitas dúvidas, representadas por interrogações, sempre em comparação ao menino, justificando sua falta de conhecimento da educação da filha a partir de sua vivência sempre próxima a outros homens, onde sua própria mãe precisou ter pulso firme para conduzir tantos homens. Ficam demarcadas ainda questões de sexo e gênero, onde o esperado é sempre o casamento heterossexual, com concepção de filhos e ainda o homem é mais firme do que a mulher. Esta última é ainda ratificada pela mãe a partir dos desenhos (ver desenhos 1 e 2), onde com o menino a relação se dá sempre a partir das brincadeiras e ensinamentos dos objetos e da natureza, e já com a menina o desenho demonstra, além das brincadeiras, a compra e uso de "roupinhas" que tomam maior importância e o aconchego do colo a ela oferecido como algo especial, trazendo a ideia de maior doçura e delicadeza à menina, na concepção de que seriam atributos femininos.

Desenho 1 – Mãe casal 1 (Relação com o filho)



Desenho 2 – Mãe casal 1 (Relação com a filha)



Esse aspecto também foi demarcado em vários momentos de sua fala e no desenho (vide desenho 2), quando aborda na sua história chamada “Minha princesinha chegou” sobre a satisfação de tê-la consigo e de deixá-la “bem bonitinha”:

> Ficar com ela sempre abraçadinha né, no meu coração, no peito. E quando a gente vai passear, quando eu tô final de semana, que a babá tá de folga, procurar roupinha pra poder deixar ela bem bonitinha né, pra deixar ela bem organizada, que é a parte que eu mais gosto, escolher a roupinha dela, pra a gente passear. (Mãe casal 1)

O ideal heterossexual é fundamentado nas normas de gênero que materializam as diferenças sexuais, baseadas na biologia de corpos de homens e mulheres, demarcando, num binarismo masculino e feminino, as únicas possibilidades de existência. Desta forma, já que homem remete a um ser masculino, ativo, da cultura, e mulher um ser feminino, passivo e responsável pelos cuidados do lar e da família, ambos se complementariam na conjugalidade, para exercer as funções do espaço público e privado, normatizando socialmente as relações amorosas e o modelo de família nuclear. (BUTLER, 2010/2003)

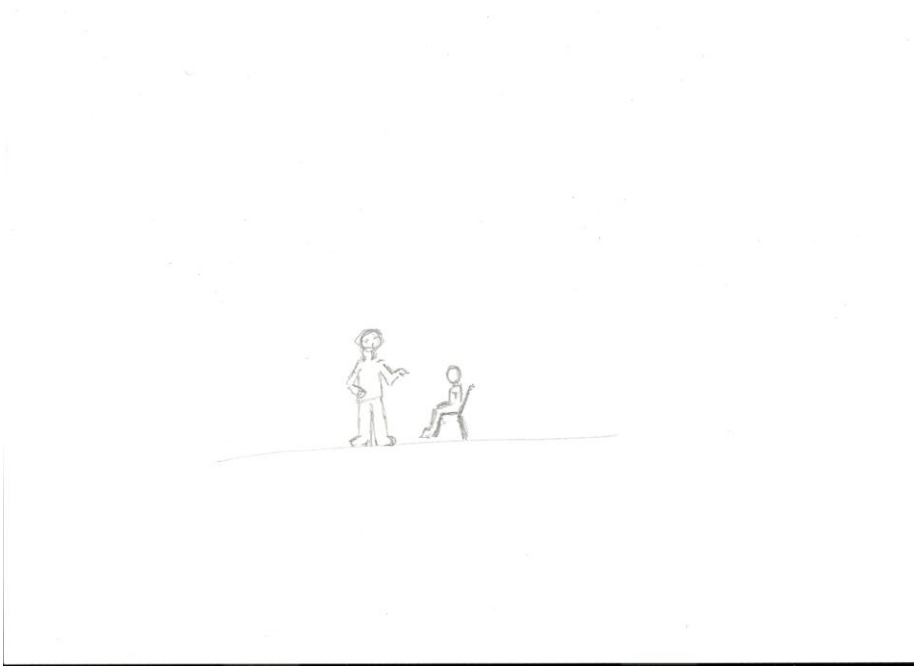
No entanto, é preciso reconhecer que os sujeitos são únicos, e o próprio gênero é performático, num sentido de que nunca se repete a cada expressão. Sexo não é estático, mas reflete um conjunto de normas pelas quais as pessoas tornam-se viáveis e inteligíveis, a partir de conformações a estas normas, como aborda Áran (2011). Desta forma, fica claro como sexo é também carregado de cultura, assim como gênero, revelando os poderes em jogo na sociedade, em nome do que se faz dominante. Assim, somos levados a modelos de pensabilidade binários para homens e mulheres e, consequentemente, para o casamento legítimo heterossexual. Ou seja, vivemos uma heterossexualidade compulsória e estamos constantemente inseridos nas normas de gênero. (BUTLER, 2010/2003)

Mais uma vez ficam claras as normas de gênero que definem homens e mulheres nas afirmações do casal 3, ao trazer como importante uma educação para o mundo no sentido de um caminho reto, onde o menino aparece precisando de "rédeas" para impor-lhe limites; já a menina é meiga e estudiosa, sendo necessário apenas cativar. Vejamos falas deste outro casal:

> É preparar eles pro mundo né? Tem que criar o filho pro mundo, né pra gente não.
> Lucas, como eu falei, eu procuro, sempre botando rédea nele, chamando ele pra realidade, porque se deixar ele pode pender pro outro lado. (...) Tamires já é mais uma menina meiga e tal, mais presa aos estudos essas coisas, então, eu procuro só cativar. (Pai casal 3)

Os desenhos deste pai (casal 3) demonstram explicitamente o que traz em sua fala, considerando esta grande diferença no tratamento com o filho, que "precisa de rédeas", o qual ele desenha sendo colocado de castigo, e com a filha, meiga, a qual ele desenha trocando afetos.

Desenho 11- Pai casal 3 – Relação com o filho



Desenho 12 – Pai casal 3 – Relação com a filha

Vale destacar que, mesmo considerando a diferença de idade entre o menino e a menina, como refere a mãe, o sexo aparece como fator diferenciador na educação do menino e da menina:

> É assim, por eles terem idades diferentes, né. É, eu acho e sinto muita dificuldade. Além da idade, o sexo né. Porque uma é menina e o outro é menino, e aí a gente tem as diferenças. (Mãe casal 3)

Mas, finalmente, o que seria "pender pro outro lado" na fala do pai e quais seriam as diferenças salientadas pela mãe? Ambos parecem ver a mídia como participante da sexualidade das crianças e jovens, na formação de um ideal de homem – masculino, mulher - feminino, heterossexuais e outras formas de vivenciar a sexualidade. Para o pai a televisão vem tomando uma conotação errônea das relações afetivo-amorosas, repassando-as

> ainda para os jovens, como podemos perceber no seguinte fragmento de fala: Eu, na minha concepção, vejo que o correto seria um homem, sei lá, casar e viver com a mulher e vice-versa, e não o que a gente tá acostumado a ver hoje na televisão. (Pai casal 3)

Já a mãe corrobora na ênfase dada à mídia, no entanto considera que a mesma tem um papel formativo a partir de uma naturalização prévia do que viria a ser homem e mulher, reforçando apenas tais caracterizações:

> Acho que a sociedade já leva a criança né, a mídia já faz com que homem seja homem e a mulher seja mulher mesmo. (Mãe casal 3)

Mas, o que faria que um "homem seja homem e a mulher seja mulher mesmo"? Ela expressa as caracterizações que considera como pertencentes ao sexo, demarcando então as diferenças que constituiriam uma essência humana binária, que por sua vez alinha sexo a gênero:

> Eu acho que a mulher é mais calma né, mais centrada, o homem, ele já é mais agitado. (Mãe casal 3)

Retomemos então o questionamento em relação ao que seria "pender pro outro lado"? Embora fique clara uma preocupação com as questões comportamentais no que se refere a um padrão ético, poderia ser remetido ainda às questões da sexualidade, onde se faz necessária uma educação que demarque sexo, gênero e a própria sexualidade, corroborando com a tradicional visão dos seres humanos divididos em apenas duas possibilidades de existência: homens e mulheres, respectivamente masculinos e femininos, como seres que se complementam neste sentido das diferenças, e assim, heterossexuais.

Para o casal 4, a educação dada ao filho e à filha é uma reatualização da recebida pelos próprios pais e mães. O mais importante, corroborando com os demais casais, é

ensinar a serem pessoas boas, mas também mostrar as problemáticas que a vida pode oferecer, sobretudo com relação às drogas.

> A gente acaba sendo um pouco uma cópia do que os nossos próprios pais foram pra nós, né.
> Procuro tá sempre assim, tá participativa, pra compensar né, os horários que eu não tô. (Mãe casal 4)

> Assim, eu acho que o mais importante é que a gente pode deixar pra eles é ensinar eles a serem pessoas boas, e por outro lado ensinar os perigos que tem a vida e tal, né? Uma coisa que eu tenho muito medo assim é drogas, aí eu tenho muito, então isso aí já desde pequenininho já converso e tal. (Pai casal 4)

> A orientação dos pais, o amor, né, a união, né. (Mãe casal 4)

No casal 2 há uma concordância com o casal 4, onde a educação apareceu ainda como um processo de transmissão entre gerações antecedentes e sucessoras, buscando um aperfeiçoamento na participação dos pais. É importante encaminhar o filho e a filha, num processo de educação para o bem, através de valores morais como o amor, a união, orientando para não seguir caminhos considerados tortuosos, sobretudo no envolvimento com drogas:

> Alguns modos que nossos pais nos educaram, a gente vai aperfeiçoando, eliminando alguns erros e passando pra eles. (Pai casal 2)

> Mostrar as coisas certas, né? O que é, o caminho que se deve percorrer o caminho certo, caminho errado. Tipo: caminho errado é drogas, bebida, né, ser bandido, caminho errado.
> É ser do bem. (Mãe casal 2)

> É não deixar que eles sigam caminhos errados, tipo caminho de drogas, caminho de, de roubos, essa parte. (Pai casal 2)

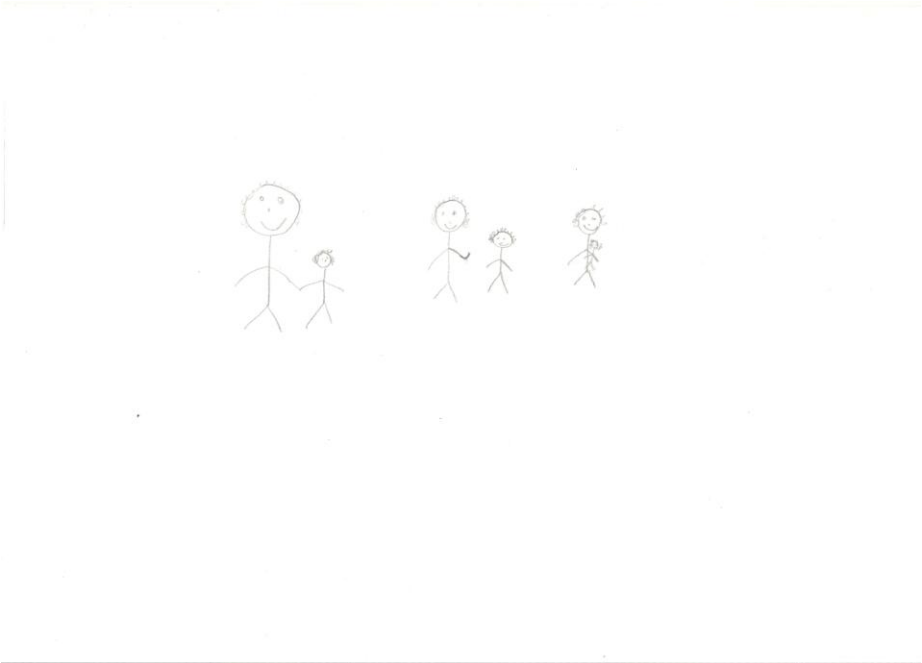
No casal 2 é importante ressaltar ainda que a menina é mais agitada e o menino mais tranquilo, como ficou claro nos desenhos (ver desenhos 5, 6, 7 e 8).

Desenho 5- Pai casal 2 – Relação com o filho

Desenho 6 – Pai casal 2 – Relação com a filha

Desenho 7 – Mãe casal 2 – Relação com o filho

Desenho 8 – Mãe casal 2 – Relação com a filha



Nos desenhos do pai, o menino está jogando videogame com ele, e a estória é intitulada “Pai e filho jogando videogame”, sendo contada da seguinte forma:

> Geralmente, quase diariamente, André faz: - Papai, vamos brincar, vamos jogar videogame! E a gente senta e fica horas e horas brincando, até, Clara chegar e atrapalhar (risos), e entrar no jogo também. E isso, às vezes, no final de semana, vai até seis horas direto no videogame, jogando. E só. (Pai casal 2)

No desenho da menina, ela está sendo jogada para cima, e o título da estória é “A Família Radical”, assim relatada:

> Esse desenho representa o que Clara mais gosta que é brincadeiras, de jogar pra cima, sempre exercício, pra mim, pra ela é diversão. E brincadeira com ela é assim, sempre na parte de aventura, de ação. (Pai casal 2)

Estas diferenças nas brincadeiras e modos de ser observadas nas expressões do filho e filha, por este casal, não é vista como um problema. Neste caso, ambas as crianças são consideradas passíveis de participar de brincadeiras diversas, onde o aspecto que parece predominar é a própria fase infantil, como veremos também expresso nas estórias contadas pela mãe:

> É Rafaela e André sempre junto. [título da estória]
>
> No desenho, eu quis mostrar que sou eu e André sempre junto. Eu botei o desenho de mão dada né, tamo sempre junto, e sempre no colo, sempre, é vamos dizer, é no colo mesmo, sempre agarradinho, sempre hum, junto mesmo, dando manha, essas coisa assim, nesse sentido. É isso. (Mãe casal 2 – estória menino)
>
> Rafaela e Clara sempre juntas, mas com mais autoridade, brigando mais [Título]
>
> Bom, aqui é, tô falando de Clara, aí também sempre junto né, como é em casa, eu sempre tô em casa, tá sempre junto. Reclamo mais com ela porque ela é mais danada, então a gente, eu reclamo mais com ela, botei aqui até um desenhosinho meio que brigando assim, porque é, ela é realmente mais danada. E também dá, dou as manhas quando necessário, boto no colo, tem os carinho, mas a gente, eu reclamo mais com ela do que com ele, é que ela é mais

> danada, é mais de trela, de mexer nas coisas, a gente briga mais com ela. Mas tá sempre junto também. Como fico em casa o tempo todo então tamo sempre junto. (Mãe casal 2 – estória relacionada à menina)

Ao tentar então encontrar as diferenças na educação de um menino e uma menina, demarcam-se os objetos que se fazem uso, que brincam, onde o menino tem mais restrições, como é o caso da maquiagem, e a menina pode tudo:

> Pra mim menina pode tudo e menino também. Só a restrição assim, não deixar muito, brincar. Maquiagem não! (Mãe casal 2)

Se na fala da mãe há a expressão de que menino e menina podem tudo, ao pensar na maquiagem aparece um diferencial para os sexos, onde o menino tem a restrição, ao qual insta questionar o porquê. Tendo sido o casal que se demonstrou mais aberto às diversidades das expressões humanas de gênero e sexualidade, na fala da mãe compreendemos que ainda há uma necessidade de encontrar algo que possa diferenciar os sexos, remetendo a uma relação respectiva com os gêneros masculino e feminino. Vemos assim como está arraigada nossa forma binária e determinista de pensar homens e mulheres, meninos e meninas, como ocorre com esta mãe:

> Feminino é mais na parte de usar assim, tipo maquiagem, essas coisas, mas, pra diferenciar uma coisa de outra só o tipo de roupa que eu acho e o resto pra mim, pra mim não tem. (Mãe casal 2)

Ora, ao mesmo tempo em que expressa a ideia de que gênero é demarcado por aquilo que se usa, a mãe do casal 2 demonstra que nesta tentativa de aproximar ambos os sexos, termina por caracterizar diferenças que demarcam sexo e gênero. De todo modo, é importante considerar que tais diferenças até aqui não se reportam a questões de sexualidade propriamente.

Entrelaçando as ideias dos quatro casais, podemos tecer algumas considerações com relação ao eixo Educação Geral. O mais importante é ser do bem e seguir o caminho "reto", a partir de valores que são passados de geração à geração no seio familiar, sendo eles o amor, a união e o respeito. No entanto, algumas dúvidas ou diferenças nesta

transmissão aparecem com relação a ser menino ou menina: como orientar uma menina? Meninos tem mais restrições naquilo que utilizam como objetos e acessórios, mesmo nas brincadeiras. A justificativa das divergências entre meninos e meninas termina aparecendo na justificativa das diferenças de idade, quando muito distantes, mas sobretudo do sexo.

Desta forma, as normas de gênero parecem estar presentes em diversos aspectos da educação destas famílias, corroborando na legitimação do pensamento binário de existência humana: homem-masculino e mulher-feminina, bem como na heterossexualidade compulsória.

Nesta análise podemos perceber como as diferenças na educação de um menino e uma menina, perpassadas pela reatualização do sistema sexo-gênero e considerando as legitimações sociais, são variáveis: vão de um casal mais adepto às diversidades, que busca considerar homens e mulheres a partir de óticas semelhantes de possibilidades de existência, como o casal 2, a um casal que afirma haver modelos corretos de homem e mulher, e consequentemente de conjugalidade e família, como o casal 3.

Mesmo assim, é perceptível também que nestas diversas formas de compreensão dos quatro casais, considerando ainda as dúvidas no casal 1 e a ênfase num distanciamento da marginalidade no casal 4, as questões de sexo, gênero e sexualidade aparecem permeando os processos de educação, como numa colcha que vai sendo alinhavada: aparentemente o que mais importa é o tecido, como os casais expressam como maior preocupação da educação "ser do bem", no entanto é a linha, escondida tantas vezes, que faz o acabamento e amarra os pedaços dando sentido à composição do produto final; assim parece ser o sexo, o gênero e a sexualidade, costurando, como fundantes, a forma em que se dá a educação de meninos e meninas, enquadrando os três numa mesma direção, que socialmente vai dar sentido às composições finais – homens e mulheres.

Entretanto, é preciso problematizar tais modelos que são reatualizados na educação destas famílias, uma vez que a diversidade é caracterização humana que independe das questões de sexo, gênero e sexualidade. É preciso repensar as normas de

gênero, uma vez que as mesmas objetivam enquadrar-nos em modelos únicos que desconsideram a referida condição humana da multiplicidade.

3.2 Eixo 2 – Educação e Gênero

Como Butler (2010/2003) afirma, é o exercício do poder nas relações sociais, a partir de normas de gênero instituídas, que forja a existência dos sujeitos de tal modo que determinam as únicas formas de expressão a partir do sexo: ou se é homem, ou se é mulher, com características definidas como possíveis. A partir dessas normatizações, históricas e culturais, o sexo biológico dos sujeitos ordena seus corpos, impondo-os como resultados de si.

Nessa forma de pensar, com base na biologia, só há corpos de homens e de mulheres, e a partir da cultura então só haveria os gêneros masculino e feminino. Ambos os aspectos assim estariam ligados de forma tal que homem corresponderia a masculino e mulher a feminino. Além do sexo, gênero e resultados de si, aponta-se para os prazeres como também diretamente relacionados, numa direção heterossexual, onde homens e mulheres precisariam complementar-se, numa afetividade considerada normal.

No entanto, esta forma de pensabilidade revela um engessamento nas possibilidades humanas de expressão, buscando destruir a multiplicidade que caracteriza os sujeitos. Desta forma, é preciso compreender que "não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída pelas próprias 'expressões' tidas como seus resultados." (Butler, 2010/2003, p. 48)

Podemos perceber as normas de gênero a partir das falas dos (as) nossos (as) participantes, tal como a dúvida expressa pelo pai do casal 1, alinhada à ideia de que sujeitos de um mesmo gênero conhecem e sabem lidar entre si. Portanto, o pai pode participar da educação escolar da menina, pois é semelhante à do menino, mas a mãe enquanto mulher é quem precisa ser a responsável direta pelas questões mais pessoais na educação de uma menina.

> Davi (filho) eu sei: - Olha, vai, tá aqui um dinheiro, eu te levo, vou te buscar. Luana, não sei... Como é que eu vou fazer isso? Eu não sei. "Ó, tu vai com uma amiguinha, ou tu vai com um amiguinho, ou vou ter que te levar? Aí eu acho que vai ser uma ajuda muito grande da mãe né, a mãe vai ter que me ajudar muito em relação a isso. Mas, na educação de escola, orientação de casa, isso é, eu não vejo diferença. (Pai casal 1)

A mãe neste casal também revela uma identificação com o alinhamento sexo-gênero com relação à filha, onde refere "curtir" mais estar com ela, suas "roupinhas" e afins, já que o menino, tendo sido o mais velho não necessitava desses cuidados diferenciados. Fica clara em sua fala a marcação da mulher pela delicadeza e aconchego, bem como a valorização pela apresentação a partir da vestimenta e outros acessórios:

> Com Davi foi muito prático, eu não tinha que roupinha, essas coisinhas. Agora com Luana eu tô curtindo mais, essa coisa de ficar com ela sabe, ficar abraçadinha, ficar com Davi por perto mas tá sempre abraçadinha com ela. (Mãe casal 1)

Por outro lado, para o pai do casal 1, masculino e feminino independe de sexo, referindo-se a gênero, que vai ser revelado através do jeito e comportamentos, como responde ao ser questionado sobre o que é masculino e feminino.

> Interessante, independente de sexo, a gente ouve tanto isso, independente de sexo é, da, do jeito que a pessoa se comporta, é o, a forma que a pessoa se comporta em sociedade, em grupo. (Pai casal 1)

Neste sentido, fica claro que mesmo a compreensão de que sexo e gênero não necessariamente estariam alinhados, não possibilita uma concepção de uma variação de fluida de ambos no tempo. Ou seja, um homem pode até ser feminino ou uma mulher ser masculina, mas será sempre assim; o que quer dizer que de qualquer forma, apesar de poder fugir aos padrões, o sexo e o gênero estarão sempre definidos.

Quando a mãe do casal 1 responde a esta questão, masculino e feminino se confunde com sexualidade, onde considera que há um certo e um errado para ser homem ou mulher que deve ser ensinado no processo de educação. Mesmo assim, em caso do indesejado ocorrer, ou seja, na divergência das normas, o amor deve prevalecer, como preconiza a religião.

> Por mais que a religião ensine a ter respeito, a gente vai ter o respeito, mas ninguém quer que o seu filho fuja às normas da sociedade. Não tô dizendo que a gente vai ter preconceito, que se ele for a gente não vai amar né! Se ele seguir um caminho que não tá nas normas... Mas a gente, pra a gente explicar o que é certo, o que errado, o que é de homem, o que é de menina. Menina a gente diz que é mais rosa, que é mais pureza, doçura, né. Mas como eu tô dizendo, tá tudo muito misturado e homem tem mais aquela coisa de macho. (Mãe casal 1)

Neste sentido, como parte da norma, há as caracterizações da mulher e do homem, mas ao mesmo tempo, aparece um questionamento, considerando que está "tudo misturado", e que assim não dá para afirmar o que de fato é de menino e de menina. Restam assim duas grandes dúvidas: 1- como orientar uma menina? 2- Afinal, qual a diferença entre meninos e meninas?

> Davi tá doido que Luana cresça pra jogar futebol com ela. Tá entendendo?
> Ele [refere-se ao marido] não usava rosa de jeito nenhum! Lilás, rosa, nada. E a partir de agora, depois que casou comigo, é que a gente, Lincoln, é cor, cor é cor, não tem isso. Só que aí ele tá notando já que essa, ele fica preocupado, como é que eu vou cuidar de Davi, pra num ser tão macho assim como minha mãe me ensinou, mas também num deixar Rafa deixar banda voou. Né, é tudo rosa, tudo lindo, pode tudo... Então assim, a gente tá, eu vou confessar que a gente não sabe dizer o que é de menino e menina, certo!

Duvidar diante do binarismo normativo das formas de ser no mundo para as pessoas é fundamental para possibilitar maneiras outras de pensar o mundo e os sujeitos,

o que nos leva a refletir sobre a crítica genealógica de Foucault, como afirma Butler (2010/2003):

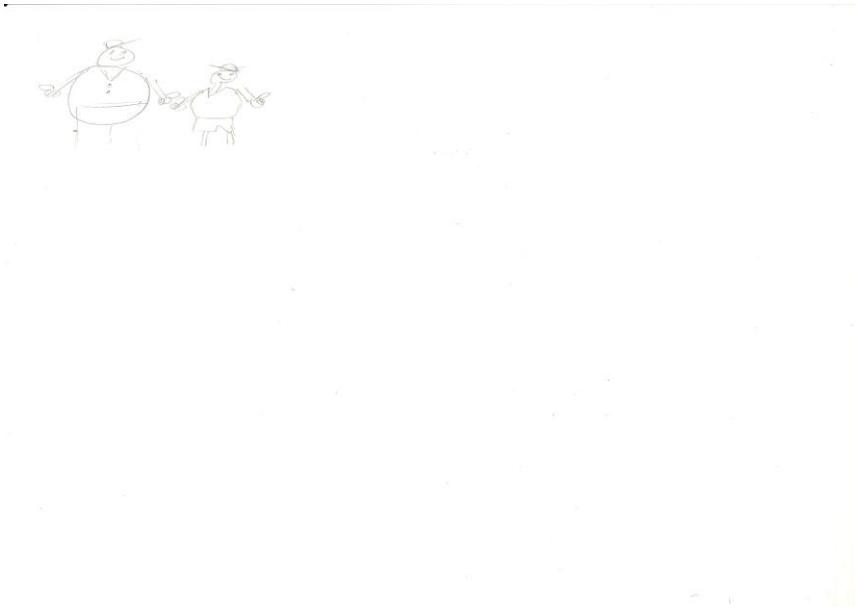
> a crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos. A tarefa dessa investigação é centrar-se – e descentrar-se – nessas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. (p. 9)

O respeito continua a aparecer como questão fundamental na educação no casal 4, no entanto aparece também as diferenças com relação aos marcadores de feminino e masculino, onde feminino está diretamente relacionado à menina, referindo-se à delicadeza; e masculino, ligado ao menino, seria o oposto, o não-delicado. Embora estas características sejam de uma maneira generalizada, considerando poderem se mesclar em casos específicos, mais uma vez sendo expressa a dúvida do que define o gênero, como podemos perceber em extratos de falas:

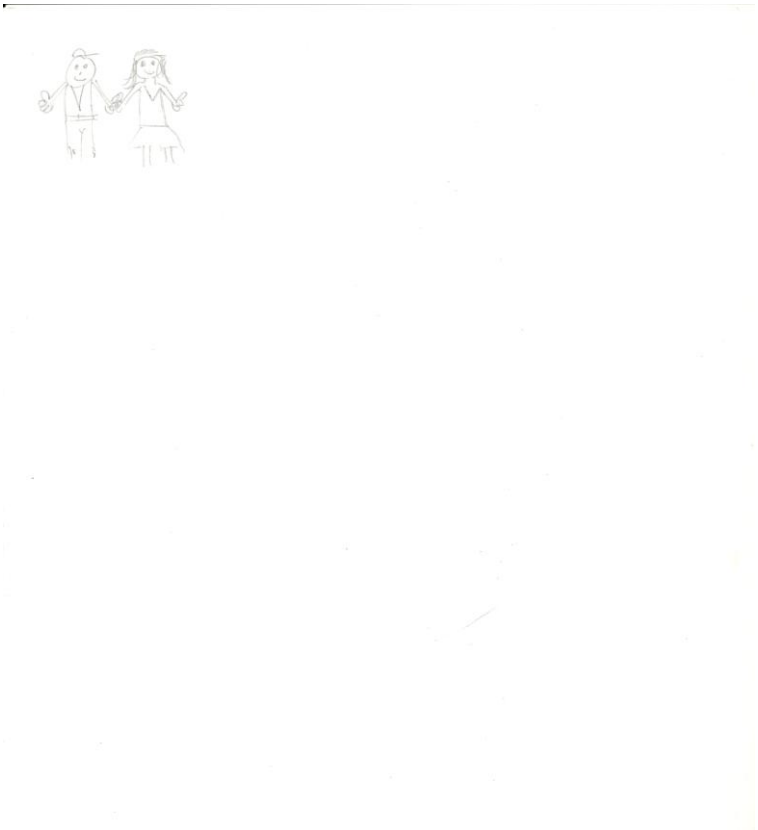
> Acho que é bem igual, é tudo que um pode fazer de errado o outro pode fazer também, tudo que um pode fazer de acerto o outro também pode fazer, independente de ser menino ou menina. (Pai casal 4)

É interessante perceber que ao mesmo tempo em que este pai afirma haver igualdade entre meninos e meninas, desenha o filho de uma maneira, e a filha de outra, onde com o menino ele demonstra uma identificação geral, que perpassa o corpo, o gesto e até mesmo a vestimenta; já no caso da filha parece também haver uma identificação, que diverge da do filho pela expressão do corpo, mas ainda uma demarcação de sua diferença pela vestimenta. Observemos:

Desenho 13 – Pai casal 4 – Relação com o filho



Desenho 14 – Pai casal 4 – Relação com a filha



A mãe ainda corrobora com as diferenças entre menino e menina na sua própria fala. No entanto, considera ainda que tal diferenciação é superficial, pois se trata de uma generalização, quando cada um é constituído de uma singularidade.

> Feminino, quando eu penso em feminino, numa coisa, num algo mais delicado. É qualquer coisa que se, um gesto é gostar de alguma coisa que tenha a ver com algo mais delicado. E menino, masculino seria o oposto né, se algo mais assim, que não tenha tanta delicadeza. (...) Eu acho que não é sempre assim né, existem diferenças, eu assim, tô generalizando, mas eu, é assim, nem todo menino é assim e nem toda menina. (Mãe casal 4)

Esta percepção da própria colocação, nesta mãe, nos faz refletir que suas concepções de sexo e gênero já apontam para possibilidades outras, mesmo que ainda considerando um padrão nas formas de ser em geral.

O terceiro casal vai ser mais enfático em suas considerações binárias das expressões humanas, demarcando mais fortemente as características de homens, meninos, masculinos, e mulheres, meninas, femininas. O feminino está relacionado à menina, que é meiga, doce, calma, centrada. Já o menino, como todo homem (subentenda-se também masculino) é agitado. Observemos as falas:

> Eu acho que a mulher é mais calma né, mais centrada. O homem, ele já é mais agitado. (Mãe casal 3)

> Ela é meiga, a gente, mal eu falo, só em olhar ela já; ele não, ele às vezes eu falo, tem que ir lá, como eu já disse, às vezes chego até a bater nele sem querer, foge do controle, porque assim, se deixar, ele toma, quer tomar conta da situação. (Pai casal 3)

Fica explícito como a educação vai ser diferente. No caso do menino, é preciso até bater, enquanto a menina só é preciso o olhar. O bater aqui deve ser interpretado não apenas como uma necessidade na educação desta criança, mas com um diferencial de que menino aguenta apanhar, menina não. Trata-se aqui ainda da ideia de força e virilidade atribuída aos homens e fragilidade e necessidade de proteção atribuída às mulheres. Ou seja, o pai pode bater no filho se achar necessário, pois este último tem que aguentar. No

caso da filha não pode, uma vez que ela não suportaria, nem ele, pois tem despertado por ela um sentimento protetor que o impede de agredi-la. Além disso, basta olhar para a menina, já que ela está colocada no lugar da obediência, não devendo se rebelar sobretudo à imagem paterna, figura de autoridade máxima que não pode ser questionada, mas sim respeitada.

Devemos lembrar a problematização que Foucault (1994/1976) apresenta acerca da verdade do sexo, tão buscada no século XVIII pelas ciências sexuais, a fim de normatizar as identidades sexuais em nome de um sistema político, médico e jurídico. No entanto, não há uma verdade própria do sexo que nos dite como vivenciá-lo, e sim a execução do poder que normatiza, regula e dita a normalidade na história dos sujeitos. Desta forma o patriarcalismo, serviente aos interesses de dominação dos homens, continua a se reproduzir nas famílias da atualidade.

Em se tratando da história, não podemos deixar de lado a ideia da cultura também reprodutora de normas de gênero, introjetada nas relações e expressões humanas, dadas como naturais e essenciais, que passam a ser consideradas como inteligíveis, viáveis em nossa sociedade. É desta maneira que as pessoas são vistas na forma binária como se seu sexo e gênero fossem substantivos, as representando em tudo que elas são. É nesta direção que aponta a mãe do casal 3, considerando que a influência de uma cultura posta já determina o masculino e o feminino, o ser homem e o ser mulher, de uma forma naturalizada:

> Acho que a gente já traz na nossa cultura, mas eu acho que num impede que o homem goste de rosa e a mulher de azul. Mas acho que a sociedade já leva a criança né, a mídia já faz com que homem seja homem e a mulher seja mulher mesmo. (Mãe casal 3)

É preciso então refletir se existe mesmo um ser homem e um ser mulher fixos. Segundo Foucault (1994/1976), não há uma verdade do sexo, sendo corroborado por Butler (2010/2003) ainda com relação ao gênero. Para ela, é necessário compreender a

concepção universal da pessoa como um deslocamento histórico ou antropológico do gênero como

> uma relação entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. Este ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa 'é' – e a rigor, o que o gênero 'é' refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes. (p. 29)

Mesmo quando se tem uma concepção mais ampla acerca das formas de ser humanas, parece difícil não enquadrar em algum marcador homens e mulheres, como se naturalmente houvesse algo que precisasse os diferenciar para justificar os dois sexos, e assim também dois gêneros. Esses marcadores podem ser o próprio corpo, na biologia de dois sexos, ou objetos de uso que representem o gênero a partir das coisas de homem e coisas de mulher, mesmo que não estejam necessariamente associados à sexualidade.

Nesta direção, no casal 2 foi considerado que a diferença entre educar menino e menina está nas brincadeiras/brinquedos: meninas brincam de boneca, maquiagem, meninos não. Masculino e feminino dizem respeito apenas ao sexo, se é homem ou mulher, aparecendo a divergência naquilo que se usa, como maquiagem e vestimentas. A menina então tem mais possibilidades, enquanto o menino precisa conviver com as restrições do que consome ou utiliza, dos objetos, como podemos perceber:

> Só o sexo mesmo. Questão de ser homem e ser mulher. (Pai casal 2)

> Assim, só em relação a brincar que a gente evita. Não que ele não pode, mas que evita deixar tá brincando muito com boneca, com, mais coisa que isso é, são coisas de menina né? (...) Feminino é mais na parte de usar assim, tipo maquiagem, essas coisas, mas, pra diferenciar uma coisa de outra só o tipo de roupa que eu acho. E o resto pra mim, pra mim não tem. (Mãe casal 2)

> É, pra mim não tem isso de sexo diferenciar mesmo sexo de menino, masculino e feminino, não. (Mãe casal 2)

Os quatro casais corroboram no ideal de uma educação orientada para o respeito e orientação aos meninos e meninas. No entanto, referem-se às diferenças a partir das concepções de masculino e feminino, atrelados respectivamente ao sexo homem e mulher. Meninas expressam delicadeza, calma e doçura, e meninos estão correlacionados à não-delicadeza e agitação. Meninas ainda brincam de boneca e usam maquiagem, meninos sofrem mais restrições neste sentido. Porém, definir concretamente as divergências entre os dois, considerando o alinhamento com o sexo, pode ser muito difícil, uma vez que há meninos e meninas que mesclam estas características e gostos. Fica então a grande questão: é preciso mesmo definir o que é masculino e feminino? E mais: gênero está necessariamente atrelado ao sexo?

> A distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (BUTLER, 2010/2003)

Podemos compreender a importância de problematizar os valores e morais impostos socialmente através da execução do poder, como proposto por Foucault, que levaram a este olhar binário da existência humana. Como aborda Foucault (2008/1969), faz-se mister o entendimento arqueológico destas questões, os objetos em suas formações e historicidade, de forma a ser possível pôr em dúvida e, consequentemente levar a desconstruções necessárias, pois a naturalização e a doutrinação acorrentam os indivíduos a certos tipos de enunciados, excluindo todos os outros. É desta maneira que considera o discurso como execução de poder, envolvido numa arqueologia.

É neste aspecto que o autor considera que a educação deveria ser o meio pelo qual todo sujeito tenha acesso a todo tipo de discurso. No entanto, em se tratando de educação formal, ela serve à política, que regula os discursos, validando-os a partir de seus interesses. (FOUCAULT, 1996/1970, p. 12) Porém, como consideramos ainda a família como um espaço privilegiado de transmissão de educação e cultura, é fundamental

transpormos-nos a este âmbito para lançarmos mão dos discursos em ação, questionando-os.

3.3 Eixo 3 – Educação e Sexualidade

Segundo Foucault (1994/1976), a partir do século XVIII, somos envolvidos num discurso tão forte sobre o sexo que expressa um poder-saber-prazer, que se trata de um sexo que fala sobre nós, sendo a base para o discurso acerca da sexualidade. Este poder, através da observação, da fala, do discurso, qualifica as pessoas com relação ao sexo e às sexualidades, incluindo as suas diversidades, onde as condutas não procriativas serão consideradas desviantes. É um poder que vai fixar identidades, produzindo tanto comportamentos úteis e dóceis socialmente, quanto definindo práticas sexuais, produzindo e fixando as sexualidades desviantes – diferentes da heterossexualidade. É um poder que atua diretamente nos corpos, fazendo-os objetos de saber e do discurso.

Esta relação historicamente concebida entre os corpos e o saber vai reiterar em nossa sociedade a heterossexualidade como a forma padrão de existência humana. Esta legitimação social impõe que homens e mulheres são as únicas possibilidades de corpos humanos, sendo identificados pelos órgãos que possuem; desta maneira, como consequência, a afetividade amorosa vai ser direcionada como normal para o casal homem-mulher, que em sua diferença, revelariam uma incompletude que se desfaz na conjugalidade heterossexual.

Percebemos nas falas dos pais e mães participantes desta pesquisa as ideias que fazem com relação às sexualidades de seus filhos e filhas, diretamente ligadas a este poder normativo que reitera as formas de ser na sociedade. Os quatro casais concordam que o mais importante ensinamento para as crianças, meninos e meninas, é o respeito aos outros e o amor na família, como já visto; no entanto, tal importância não deixa de coexistir com a expectativa da criança com relação a seus comportamentos. Espera-se que esses comportamentos sejam como são social e previamente definidos, de forma

padronizada, com relação ao sexo-gênero e sexualidade, considerados como corretos e normais. Observemos algumas falas que exemplificam esta compreensão:

> A família, que a gente tá cultuando aqui em casa: mamãe, papai e os filhinhos né. Então sempre quando eu vou desenhar com ele eu desenho mamãe, papai e os filhinhos Davi e Luana. Quando a gente vê algum outdoor que tem um homem, uma mulher, casal, a gente enfatiza. A gente sempre enfatiza mais o casal homem e mulher. Quando tem homem- homem, mulher-mulher, alguma coisa assim, a gente procura não chamar muita atenção, né. É, mas respeitar! Respeitar as pessoas! (Mãe casal 1)

> Eu, na minha concepção, vejo que, o correto seria um homem, sei lá, casar e viver com a mulher e vice-versa, e não o que a gente tá acostumado a ver hoje na televisão. (Pai casal 3)

E se acontecer o contrário da heterossexualidade, o amor para com o filho ou a filha prevalecerá, mas considera-se o sofrimento que estará, inevitavelmente, por vir numa sociedade preconceituosa.

> Se eles vierem com alguma tendência a não ser, diferente dessas, eu vou sofrer, mas eu vou sofrer mais por eles, nessa sociedade que ainda é muito preconceituosa, mas eu vou continuar amando, do mesmo jeito. (Pai casal 1)

> Ainda é um assunto [refere-se à homossexualidade] meio, eu acho que, na minha opinião assim, ainda difícil de se encarar, entendesse?! Porque foge dos padrões, entendeu, é uma população preconceituosa. (...) Eu ia dizer: - Filha não era isso que eu queria pra você, mas se foi sua escolha, que você seja feliz! (Mãe casal 3)

É interessante perceber ainda que ao revelar a frase que diria à filha caso viesse a ser homossexual, expressa a necessidade da mãe do casal 3 demarcar a sua discordância com esta sexualidade, ao mesmo tempo em que diz a população é que é preconceituosa. Parece ser difícil admitir sua própria postura ante a diferença da heterossexualidade, ao à medida que deixa claro um desejo outro para a própria filha. Vale ressaltar ainda que esta

mãe se remete apenas à filha devido à mesma ser mais velha, levando-a a conseguir refletir acerca de sua relação com o outro, o que ainda parece distante para o filho por ser mais novo, como ela demarca inicialmente, nas estórias:

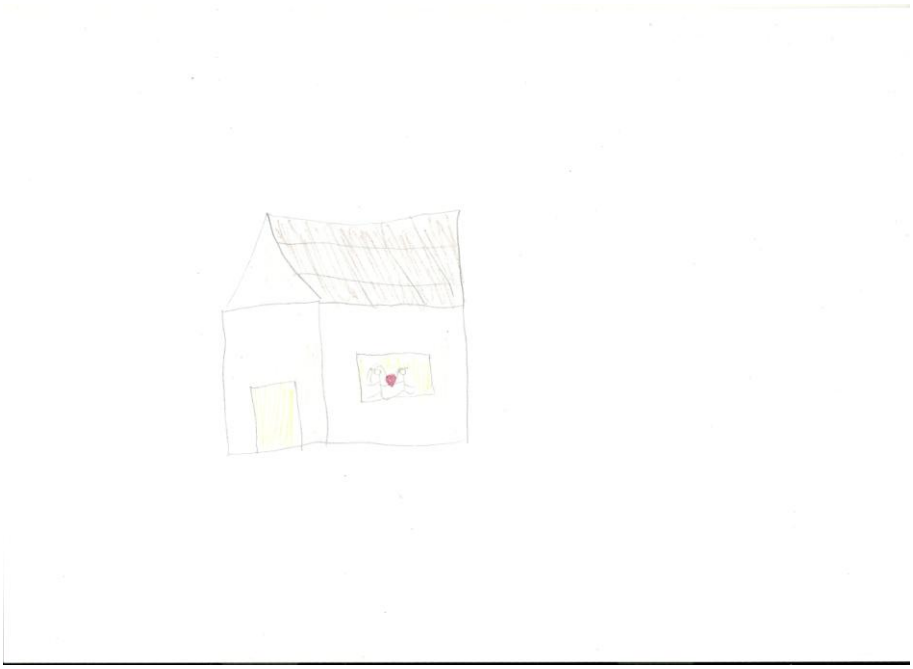
> Ele que é o mais novo né, é assim, eu acho que ele sente mais necessidade de mim, da atenção, né.
> É, minha filha é assim, ela é a mais velha né, do que o menino. (Mãe casal 3)

E ainda na primeira pergunta da entrevista, ao abordarmos o modo como educa o filho e a filha:

> É assim, por eles terem idades diferentes, né. É, eu acho, e sinto, muita dificuldade. Além da idade, o sexo né. Porque uma é menina e o outro é menino e aí a gente tem as diferenças. (Mãe casal 3)

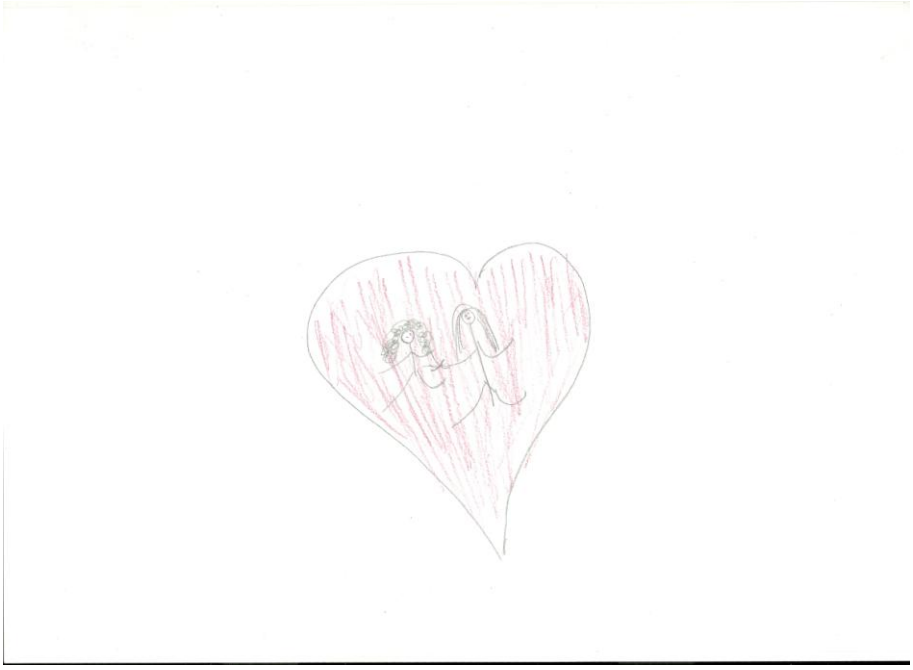
Além disso, parece que esta mãe está ainda refletindo sobre si mesma ao falar de sua filha, refletindo acerca de suas próprias vivências, com relação à sua mãe e as diferenças que considera como ideais diante as lacunas que visualiza nesta relação com a própria genitora. Desta maneira ela revela ainda sua pensabilidade acerca da relação mãe-filho, como da ordem do cuidado e da orientação para comportamentos corretos, e mãe-filha, direcionada para uma identificação e uma consequentemente amizade, a partir da cumplicidade entre os iguais. Podemos perceber estas diferenças nas estórias contadas e seus desenhos (vide desenhos 09 e 10), concretizadamente expostas nos títulos, onde a relação com o menino é expressa com um coração, que viria a representar o cuidado como o grande elo entre ela e seu filho, e com a filha se trata de dois corações, porém com a mesma estória, ficando explícita a ideia da mulher como cuidadora, que a filha deve vir a ser, portanto sendo outro coração, mas ambas com a mesma estória, que deve se repetir, já que o sexo e gênero estão fadados a um destino na maneira de ser e na concepção de felicidade e forma de vida. Vejamos os desenhos e suas respectivas estórias:

Desenho 9 – Mãe casal 3- Relação com o filho



Aí eu sempre procuro tá orientando pra que ele faça as coisas corretas, a gente fala sempre da união da família que é importante e tá presente. E aí o que eu desenhei foi justamente isso, eu coloquei eu junto dele e um coração no meio e é assim que a união, o amor, eu acho que ela supera qualquer coisa né. assim qualquer dificuldade que ele venha a ter, seja dentro de casa ou na escola, na rua, e eu percebo que ele é assim, que ele sempre chega pra mim pra fazer n questionamentos e às vezes realmente a gente se encontra em situações difíceis de responder, por mais assim, presente que nos sejamos, éé́é, tem situações que eu fico meio ainda em dúvida de responder né, se eu posso falar tal assunto, se é a hora se não é... mas assim, sempre procuro tá muito próxima dele né? Do meu filho.
[Título da estória]: Meu lar e minha família, a base da minha vida

Desenho 10 – Mãe casal 3- Relação com a filha



Não sei se quando ela nasceu, assim, por pouco tempo eu precisei tá um pouco distante dela por conta de que tem que trabalhar e aí eu percebo que a gente é um pouco assim distante, mas assim, eu sempre procuro trazer ela pra perto de mim, pra gente ser realmente não só mãe e filha, mas assim, amigas realmente né. Porque assim, eu senti, sinto na pele que, assim, eu fui muito distanciada da minha mãe, né. **N**a época de criança, de adolescente, não porque ela não gostasse de mim, mas assim, eu acho que é a vida mesmo né, fez com que ela fosse assim, eu acho que a gente dá o que a gente recebe né, e, assim, é difícil, existe casos de que a gente não recebe tal coisa e oferece, mas aí nem todo mundo consegue fazer isso e aí ela, como não teve tanto amor eu acho, ela não sabia passar isso pra mim. Não que ela não gostasse de mim, mas ela não soube passar nos momentos mais que eu precisei dela e a gente se tornou, não fomos amigas, assim, realmente era mãe e filha, mas não tinha aquela amizade. E eu assim não quero que aconteça a mesma coisa, não porque eu não tive isso com a minha filha. Sempre procuro tá muito próxima dela, digo sempre pra ela que eu sou amiga dela, eu acho que a melhor amiga que ela pode ter, sou eu, assim, chega a fase que surgem vários conflitos, várias dúvidas e às vezes não consigo

> responder, mas vou buscar, tento esclarecer a ela da melhor forma e deixar com que ela sinta segurança em mim. Não é que eu sou a pessoa que ela tem que tá procurando, não que ela não possa ter amiga, que tem coisas realmente que a gente não consegue dizer pra mãe, mas eu sempre deixo ela muito aberta, deixo ela à vontade e sempre tô esclarecendo alguns assuntos de que tá na fase dela, né, que deixo que ela fique, se sinta assim bem segura pra que ela fale pra mim, não que venha falar pra uma amiga, não que não deixe de falar, mas que ela tenha segurança em mim, porque é muito bom você ter essa confiança, essa relação de confiança entre mãe e filha, que eu não tive com minha mãe mas eu passo pra ela, pra que ela possa ter em mim essa confiança, que eu acho essencial na mãe, numa mãe e numa filha.
> [Título da estória]: Dois corações que resulta só em um. (Mãe casal 3)

Identificando-se com o sexo-gênero da menina, e por isso fixando a sua ideia de felicidade conjugal; ela expressa sua preocupação em ter uma filha homossexual e ser ela mesma vista de forma estigmatizada, seja pela prática ou pela própria convivência, pois enquadra as pessoas que convivem com homossexuais de forma agrupada e negativa. Sua dificuldade revela o medo de ser confundida com as pessoas homossexuais:

> A gente sempre tá sendo preconceituoso e não assim, sei lá, querer tá sempre muito próximo, até porque a sociedade vai encaixar também como sendo dessa mesma forma. É difícil ainda pra mim, tenho amigos, tenho, assim, relacionamentos, conheço pessoas assim, mas de conviver e tá aceitando acho que ainda é difícil pra mim [refere-se à homossexualidade]. (Mãe casal 3)

Uma questão é fundamental de ser levantada diante da fixidez concebida acerca do gênero, como a formula Butler (2010/2003): “haverá ‘um’ gênero que as pessoas possuem, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta ‘Qual é o seu gênero’? (p. 26) É relevante ainda aqui problematizarmos da mesma maneira se haverá uma sexualidade ou se é ainda um atributo cristalizado e legitimado socialmente para substancializar e definir o que as pessoas são. E por fim, é significativo que toda esta normatização relaciona ambos de maneira que encurrala as subjetividades em suas expressões, de forma comedida e

desumana, já que esmaga as possibilidades de singularidades, que terminarão por ser significadas nas resistências, como define Foucault, com relação ao poder. (1994/1976)

Para Foucault (1994/1976), ao mesmo tempo em que este poder em torno do sexo e da sexualidade proíbe e censura, também é investidor, revelando sua circulação ainda nas resistências. Este poder, presente nas estratificações sociais e nas relações humanas, não é fixo, construindo um discurso de forma ativa e desordenada.

Podemos perceber no casal 2 que há uma diferenciação na forma como pensam a sexualidade de seu filho e sua filha, com relação aos demais, mesmo que em outros momentos tenha ainda trazido revelações de uma naturalidade com relação às normas, como quando referiram anteriormente acerca das coisas de meninos e de meninas. No entanto, ao abordar a sexualidade propriamente dita e a percepção das pessoas que não são heterossexuais, se destacaram como o participante e a participante que estiveram menos impregnação das normas, considerando que a vivência das práticas sexuais é de ordem individual e intransferível, portanto estando a cargo das relações que pertencerão ao filho e à filha, e não ao pai e à mãe. Há uma preocupação muito maior dirigida à marginalidade, considerada pelo uso de drogas e bebidas, que propriamente a sexualidade que é vista como algo passível de diversidade, sem precisar ser um problema.

> Quanto à sexualidade mesmo não teria tanta importância não. (Pai casal 2)

> O importante pra mim é eles serem felizes, o caminho que eles escolherem, não escolhendo o caminho de droga, de bebida, de marginal. Mas em relação à sexualidade, pra mim não tem importância não, isso não! (Mãe casal 2)

No casal 4 também aparece a corroboração de que o envolvimento com drogas é o pior caminho para o filho ou a filha e que o amor deve estar sempre presente; no entanto a homossexualidade, já aqui demarcada na comparação com a drogadição, emerge como algo também considerado ameaçador que poderia ser pessoalmente vivenciado e carregado de preconceito.

> Se você vê um homem e uma mulher se beijando na rua você não se choca, se você vê dois homens se beijando, eu me choco né? Eu já, é involuntário né, eu já ia pensar: - pô, podiam fazer isso comigo né? (...) (Pai casal 4)

> Eu acho que nenhum pai ficaria contente com isso mas eu acho que se você gosta do seu filho, esse amor tem que ser maior do que o preconceito, tem que ser maior do que de repente uma decepção né. Eu tenho mais medo de, de se for pra escolher entre ser homossexual e usar drogas eu escolho, eu escolheria ser homossexual. (Pai casal 4)

> A única coisa que eu penso, quando uma mãe ou um pai tem, eu penso no sentido que a criança seja homossexual, eu penso que assim, às vezes o sofrimento pela sociedade não entender, né. Penso assim mas, de assim, das pessoas ser julgadas, do seu filho, sua filha ser julgada, né, isso daí é muito que tem a maldade do outro né, é mais nesse sentido eu acho, o sofrimento. (Mãe casal 4)

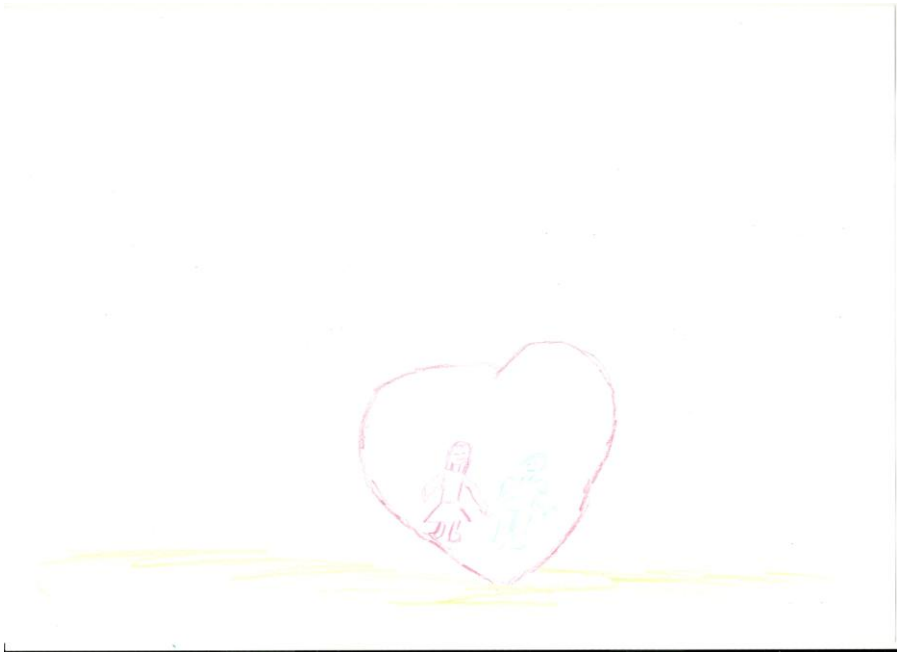
É interessante perceber ainda no casal 4 que a experiência com a filha, que "burla" a norma, através dos brinquedos e dos pensamentos acerca das relações afetivas futuras, leva a mãe a refletir acerca da sexualidade e das relações que as pessoas estabelecem, a partir da observação do que acontece no desenvolvimento de sua própria filha e da possibilidade de a mesma vivenciar relações fora dos padrões normativos.

> Uma vez eu falei pro meu marido, eu falei assim: - Meu Deus a Luíza não gosta de boneca, será que ela vai né, eu falei isso até usei a palavra: - Será que ela vai, sei lá, ser sapatão? (...) Ela nunca, nunca gostou de empurrar o carrinho, uma panelinha por exemplo, que eu via as outras meninas fazendo né. (...) Você é criado pra que, Ah, que você vai casar. Antigamente era assim né, cê ia casar, cê ia ter filho, aí você quer que seu filho tenha filhos e que, você tenha netos e é assim que vai perpetuando né, geralmente isso daí vem de um padrão da família né mas, hoje tá muito tranquilo, assim não penso mais nisso, não, né, eu acho que... A Luíza por exemplo, ela fala muito assim: Ai, eu acho que eu nem vou casar mainha, eu vou estudar, vou fazer, vou fazer faculdade, vou, e sei não me casar (risos) entendeu?! Então tá bem tranquilo, nem assim, eu acho que eu não penso nisso. (Mãe casal 4)

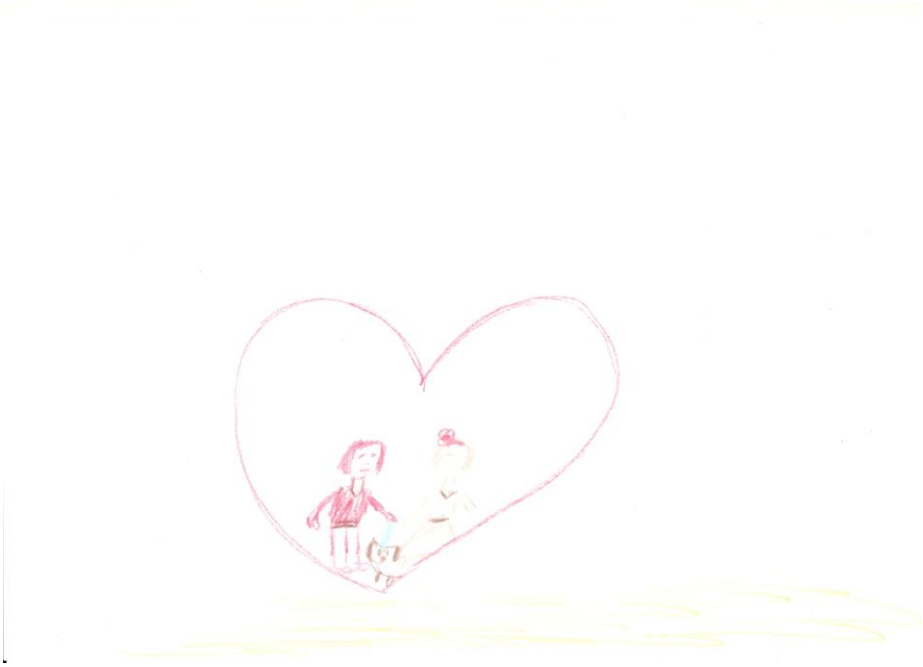
Vale ressaltar ainda aqui que na afirmação desta mãe, na fala acima, de que hoje está tranquilo se a filha não casar ou se for homossexual, ao mesmo tempo ela também diz que não pensa mais nisso, o que precisamos questionar se é pelo fato de realmente tais possibilidades serem aceitas como vivências humanas, consideradas da mesma maneira que o matrimônio e a heterossexualidade ou se por ter percebido que são possibilidades reais para qualquer pessoa é melhor não pensar, por não ser o seu desejo e até para não sofrer antecipadamente, já que em outra fala, como exposto anteriormente, ela entende a homossexualidade ligada ao sofrimento imposto pela sociedade em forma de preconceito.

É válido pensarmos ainda neste questionamento a partir do desenho desta mãe que expressa sua ideia da filha fora dos padrões considerados femininos, uma vez que a mesma aparece de calça, com aspectos demarcadamente diferenciados de si mesma. Desta maneira, podemos refletir que, embora diga não pensar mais nisso, seu desenho aponta para uma possibilidade de sua filha assumir aspectos considerados fora das normas para uma mulher. No caso do filho, tais questões não aparecem como possibilidades, talvez por seu comportamento não divergir das normas de gênero. Vejamos os desenhos:

Desenho 15 – Mãe casal 4 – Relação com o filho



Desenho 16 – Mãe casal 4 – Relação com a filha



Já a mãe do casal 3 também corrobora com a ideia de ameaça pessoal da não heterossexualidade, mas reflete ainda acerca das relações heterossexuais, que também trazem perigos para a filha; no entanto, dentro das normas, onde a menina precisa ter a sexualidade mais cuidada, sendo quem deve ser preservada nas relações amorosas, em detrimento das possibilidade de se machucar que o homem lhe oferece, consideradas como natural pela sociedade que legitima essas relações heterossexuais. É interessante perceber que enquanto a preocupação com a menina se dá em que ela se sinta segura para se entregar a uma relação e ao sexo com um outro do sexo oposto, a direção para o menino, mesmo considerando que ainda é novo para explicações sobre a sexualidade, é sobretudo para a formação de uma família, heterossexual, não havendo num primeiro momento um pensamento acerca da possibilidade de o menino também realizar uma entrega numa relação com um outro, que fosse considerado também ainda do sexo oposto.

> É assim, eu sempre coloco pra Tamires, que ela já tá descobrindo a cena de sexualidade, que o mais interessante e o mais importante é que ela realmente se sinta tranquila, segura, que a gente precisa ter isso no, na outra pessoa pra que a gente possa se entregar, pra que a gente possa se relacionar, ter a confiança, amar, num é, amar, porque eu acho que a pessoa precisa, num é só gostar, precisa amar né, assim, a gente se relaciona com várias pessoas, mas realmente assumir um compromisso, de sexualidade, é preciso você confiar, você conhecer, você realmente tá seguro de que é aquilo realmente que você quer. Agora relacionamento de namoro, eu acho que a entrega né, que eu falo mais com a Tamires que é menina, ela precisa tá segura do que ela realmente tá querendo né, que ela depois não venha a se arrepender. Ah, eu entrei nessa situação, mas eu não me arrependo porque eu tava com confiança, era isso que eu queria, mesmo que aquela relação não se não se torne eterna, não venha a ser um casamento né, uma vida estável, mas assim, aquele momento seja um momento realmente que ela tenha segurança que é o que ela quer. Já Lucas, a gente ainda não conversa muito isso né. A gente explica que tem namorado, existe, ele vai ter namorada, mas assim, entrar realmente no que ele precisa saber eu acho que ele ainda é um pouquinho pequeno. A gente ainda não discute isso com ele, principalmente eu né porque é, assim, eu acho que tô mais

> próxima por tá mais tempo eu acho, eu vou precisar explicar, às vezes em televisão alguém se beijando e namorando: "Mainha, pode?" Eu digo pode filho, porque eles podem namorar entendeu? "E por que tu casou com painho?" Porque a gente namorou, a gente se gosta, a gente queria ter uma família, aí eu explico pra ele, mas não muito detalhe. (Mãe casal 3)

Relembremos ainda a seguinte fala desta mãe:

> A gente sempre tá sendo preconceituoso e não assim, sei lá, querer tá sempre muito próximo, até porque a sociedade vai encaixar também como sendo dessa mesma forma. É difícil ainda pra mim, tenho amigos, tenho, assim, relacionamentos, conheço pessoas assim, mas de conviver e tá aceitando acho que ainda é difícil pra mim. (Mãe casal 3)

Está explícito o quanto a educação de meninos e meninas vai ser definidora nas expressões humanas, legitimando o pensamento binário de homem-masculino-ativo-provedor-de vida pública e mulher-feminina-passiva-cuidadora-de vida privada. É este mesmo pensamento que vai sustentar o modelo nuclear de família como ideal, desconsiderando as outras formas de existência e vínculos, legitimando a normalidade e a desestrutura nas outras expressões de ser e nas demais configurações humanas.

Nossa concepção de família, com base em Mello (2005), aponta para vínculos formados entre pessoas que buscam entre si, nas relações que estabelecem, garantias de bem-estar comum. Neste sentido, é importante salientar que este espaço é de suma importância na transmissão de valores e conceitos, como as próprias normas que são reatualizadas com relação ao sexo, gênero, sexualidade e práticas sexuais, as quais precisam ser repensadas de maneira a dar lugar às expressões diversas das pessoas, como múltiplas elas são no que tange a cada um destes aspectos. Como Amazonas e Braga (2006) nos esclarecem, nunca existiram famílias de padrões únicos, o que sempre imperou nas relações humanas foi a própria diversidade, nos caracterizando, de forma performativa, como afirma Butler (2003/2010).

Segundo o autor (Mello, 2005),

> a família moderna destina-se à socialização amorosa das crianças, priorizando-se a intimidade e a privacidade do casal e seus filhos

> em detrimento dos vínculos de amizade e de vizinhança. Os cuidados e a educação das crianças – e não apenas sua mera geração biológica – passam a ser valorizados de uma forma nunca antes imaginada, cabendo aos pais, solícitos e eficazes, transmitir os valores, hábitos e tradições socialmente dominantes. (p. 26)

Assim, é importante repensarmos as configurações familiares e as expressões humanas como permeadas pelas normas de gênero, como legitimadas socialmente, de forma que, a partir desta compreensão, possamos desconstruir a ideia de natureza e essência humanas, para dar espaço às diversidades e às possibilidades de vivências infinitesimais, sem precisar que as subjetividades estejam demarcadas, carregadas de estigmas e preconceitos, como tanto citaram os/as participantes desta pesquisa.

Esta importância na prática é fortificada ainda na percepção de que os casais pareceram, em sua maioria, à exceção do terceiro, terem sofrido ainda uma intervenção, levando a repensar as diversidades da humanidade, sua inexorável singularidade, bem como a própria educação que vem oferecendo a seus próprios filhos e filhas. Sobretudo o casal 1 deixou claro ao afirmar que não saberia mais o que era de menino e de menina, como já exposto, sendo levados a refletir sobre as questões de sexo e gênero, e sobre a forma como educam o filho e a filha. Reiteramos assim a necessidade de dar continuidade às pesquisas nesta área, incluindo o retorno que se faz mister ser ofertado aos (às) participantes da mesma, uma vez que esta fase final será de grande valia na possibilidade de novas concepções das temáticas envolvidas, bem como aqui da própria condução da educação de meninos e meninas nas famílias.

Comprometemos-nos então que a finalização deste trabalho se dê no contato em forma de uma devolução aos pais e mães que tanto contribuíram para a possibilidade de realizarmos este estudo. Levaremos a eles e elas a proposta de realizarmos um encontro, ou mais, se julgarmos conjuntamente necessário, com todos e todas, de forma a discutirmos as compreensões a que chegamos, bem como as reflexões a partir dos momentos, que acabaram por ser interventivos – como veremos nas considerações finais - para algumas pessoas, que puderam ser realizadas após a aplicação dos procedimentos

com cada um e cada uma participante, aos quais somos bastante agradecidas, pois sem os mesmos e as mesmas este estudo seria inviável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.
>
> Clarice Lispector

Não há como discutir sobre família, gênero e sexualidade sem dialogarmos com os aspectos históricos e os interesses sociopolíticos, o que nos levaria necessariamente a repensarmos e problematizarmos tais conceitos. Neste contexto, nos deparamos com a intolerância em relação à multiplicidade das subjetividades que gera sofrimento e violência. Constantemente temos visto e ouvido na mídia acerca das ações homofóbicas, por exemplo, praticadas por grupos ou indivíduos que se acham no direito de exterminar homossexuais.

Parece-nos que é fundamental termos a clareza de que o conceito de felicidade é muito singular e, por isso, não é possível legislar sobre os modos de vida que tornam alguém feliz ou não. Desta forma, não há como determinar que a categorização da heterossexualidade ou a situação do matrimônio garantam a felicidade. Não há nem mesmo uma garantia de uma família equilibrada, como muitos almejam através da união entre duas pessoas de sexos opostos que gerem filhos. A felicidade pode estar na hetero ou na homossexualidade, na conjugalidade ou não, dentro ou fora dos padrões; enfim, não há uma receita. Como afirma Mello (2005). Para existir uma família, é necessário ter "apenas" um conjunto de membros em busca de um bem-estar comum,

Nesta perspectiva, esta pesquisa teve uma finalidade teórico-interventiva vislumbrando possibilitar, de alguma maneira, novas formas de pensabilidade acerca das relações humanas. Como exemplificação desta capacidade podemos referir que a mãe do

casal 1, em encontro posterior ao procedimento de coleta dos dados, afirmou estar, juntamente ao seu marido, questionando sobre o que é de menino e o que é de menina. Este exemplo nos trouxe uma grande satisfação por nos fazer perceber que uma pesquisa já pode ser interventiva desde quando está sendo realizada, antes mesmo de sua publicação; diria até mesmo com os próprios ou as próprias pesquisadoras que já são capazes de repensar o conhecimento que está sendo construído, mas também com aqueles e aquelas que estão participando como colaboradores e colaboradoras. Este já foi um grande resultado para nós!

Esta mãe afirmou que vinha tendo conversas com o marido acerca das dúvidas que o procedimento de coleta realizado havia plantado em ambos. É interessante lembrar que o pai deste casal foi o que já na coleta havia afirmado ter tantas dúvidas com relação ao processo de educação da filha, uma vez que ele sempre teve contatos com outros homens em seu processo pessoal de educação. A mãe afirmou ainda que nunca haviam pensado sobre as questões que trabalhamos em nosso contato para fins de pesquisa e que isso havia mexido com eles, pois perceberam que ser menino e ser menina não era tão fixo como eles pensavam e que agora eles estavam repensando sobre a educação que estão transmitindo ao filho e à filha e que essa reflexão continuará sendo necessária na medida em que essas crianças forem crescendo.

Com relação aos demais casais, ainda não sabemos quais reflexões posteriores foram realizadas, mas desejamos que também tenham refletido acerca da temática e acreditamos que sim, pois inevitavelmente o procedimento de coleta levou a considerar a possibilidade de o filho ou a filha vir a ter uma vivência fora dos padrões das normas de gênero. No contato que iremos realizar após a conclusão deste trabalho, de forma a discuti-lo com estes casais, esperamos que possamos encontrar mudanças nas formas de pensabilidade dos pais e mães, ou questionamentos que os levem a um novo olhar com relação às pessoas, o que são duas questões semelhantes.

Queremos deixar clara nossa convicção de que produzir conhecimento quer dizer questionar e instigar questionamentos, de maneira que possamos repensar e levar a repensar uma visão de mundo e das pessoas.

Seria interessante ainda, para fins de estudo comparativo, dar continuidade a este estudo considerando os aspectos das religiões dos/das participantes, incluindo ainda outras religiões, como o protestantismo, o candomblé, a umbanda, pentecostais, episcopais, ateus, etc. Outra possibilidade interessante é ainda fazer o estudo de sexualidade, gênero e conceito de família baseado na própria religião ou ateísmo.

Gostaríamos de destacar que o uso do instrumento projetivo do desenho, seguido da estória, foi fundamental na nossa análise, bem como ainda no procedimento da entrevista quando as respostas pareciam estar claras, complementando o que já havia sido exposto nos desenhos e estórias, pois estes dois pareciam dar vazão não só inicialmente às questões inconscientes, mas à própria entrevista, uma vez que as pessoas se davam conta de que já haviam expressado muito nos desenhos e estórias e aí as restrições nas respostas se faziam menos presentes. Desta forma, ainda queremos afirmar que ambos os instrumentos como complementares foram bastante importantes para alcançarmos nossos objetivos e possibilitar nossas análises de forma mais acurada, como desejávamos. Isto ocorreu ainda porque a teoria utilizada nos possibilitou compreensões prévias que direcionaram nosso foco durante os procedimentos de coleta.

Desta maneira, o processo como um todo desta pesquisa e as análises realizadas nos apontam que numa pesquisa o uso de instrumentos adequados, aliados à teoria adotada, de forma engajada e facilitadora das compreensões almejadas, podem fortalecer assim a própria pesquisa em sua natureza.

É interessante ainda observarmos que a população definida a ser estudada caracteriza o caminho da pesquisa, desde o contato com as pessoas até as análises e o conhecimento produzido, uma vez que estamos abordando a contextualização das questões, como numa genealogia arqueológica, para usar termos foucaultianos.

Sendo assim, insta destacar que o tema gênero, família e sexualidade perpassam pelas diversidades sociais, de idade, raça, formação educacional, dentre outros. Se tivéssemos estudado com colaboradores de outra classe social, por exemplo, possivelmente encontraríamos algumas diferenças.

Por outro lado, é importante salientar ainda que não sabemos se tais divergências seriam de fato capazes de trazer outras análises ou se seriam pontuais, de forma que as análises seriam muito próximas. Portanto, outra pesquisa futura poderia comparar as variáveis de forma a verificar se seriam ou não influenciadoras de grandes divergências diante dos temas e mesmo do conceito de família.

Até o momento o manancial de dados que puderam ser analisados nos foi suficiente, e será resguardado para outros trabalhos, de maneira que se fez fundamental o aprofundamento de trechos de falas e dos desenhos para maiores entendimentos, podendo assim ser realizado novamente em outra pesquisa. No entanto, é de fundamental importância lembrar que nunca é possível ao pesquisador registrar em texto todas as impressões que obtém no momento preciso dos procedimentos de coleta no contato com os/as participantes, por isso procuramos considerar tais impressões ao máximo, na medida em que nos foi possível, na das interpretações dos dados.

Por fim, gostaríamos de reforçar a significatividade de darmos continuidade ao estudo destes temas, uma vez que estamos vivenciando o momento de discussão para o respeito às diversidades, fundamentado na compreensão de que todos e todas somos diferentes, pois é o que nos torna humanos: ser único porque diverso. Desta forma poderemos pensar numa sociedade mais justa e igualitária, onde as formas de Ser possam realmente ser uma questão singular que possibilite as vivências, para além das sobrevivências, em coletividade, através da compreensão do outro como igual porque diferente.

REFERÊNCIAS:

AIELLO-VAISBERG, Tânia. *Investigação de Representações Sociais*. In: TRINCA, Walter (Org.). Formas de Investigação Clínica em Psicologia (pp. 255-285). São Paulo: Vetor Editora Psico-pedagógica Ltda., 1997.

AMAZONAS, Maria Cristina & BRAGA, Maria da Graça. *Reflexões Acerca das Novas Formas de Parentalidade e suas Possíveis Vicissitudes Culturais e Subjetivas*. Ágora, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, Jul./Dez., 2006.

ARÁN, Márcia. *Os Destinos da Diferença Sexual na Cultura Contemporânea.* Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 11, n. 2, Jul./Dez., 2003.

ARÁN, Márcia. *Políticas do Desejo na Atualidade:* a psicanálise e a homoparentalidade. Psicologia política, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, Jan./Jun., 2011.

ARÁN, Márcia & PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. *Subversões do desejo*: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, Jan./Jun., 2007.

ARIÈS, PHILIPPE. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2ª. Edição, 1984.

BRUMER, Anita. *Gênero, Família e Globalização*. Sociologias, Porto Alegre, v. 11, n. 21, Jan./Jun., 2009.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan:* Sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero:* Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (Trabalho original publicado em 2003)

DEMARTIS, Lucia. *Compêndio de Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2006.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução José Silveira Paes. São Paulo: Global, 1984.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Conjugalidade*: Um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. In Féres-Carneiro, Terezinha. *Casal e família: Entre a tradição e a transformação* (pp. 96-117). Rio de Janeiro: Nau, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Trabalho original publicado em 1969)

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso.* São Paulo: Edições Loyola, 1996. Trabalho original publicado em 1970)

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Relógio D´água, 1994. (Trabalho original publicado em 1976)

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992. Capítulos XI (Genealogia e poder – p. 94 – 99); XII (Soberania e disciplina, p. 100 – 106) e XVII (A governamentalidade, p. 163 – 172). (Trabalho original publicado em 1975)

HARAWAY, Donna. *Saberes Localizados:* A Questão da Ciência para o Feminismo e o Privilégio da Perspectiva Parcial. Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, 1995.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo:* Corpo e Gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MELLO, Luiz. *Novas Famílias:* Conjugalidade Homossexual no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento:* pesquisa qualitativa em saúde. 12ª Ed. São Paulo: Hucietec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília & SANCHES, Odécio. *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?* Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.

TRINCA, Wálter. *Investigação Clínica da Personalidade:* o Desenho Livre como Estímulo de Apercepção Temática. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

TRINCA, Walter (Org.). *Formas de Investigação Clínica em Psicologia*. São Paulo: Vetor Editora Psico-pedagógica Ltda., 1997. pp. 255 a 285

VIEIRA, Luciana. *As Múltiplas Faces da Homossexualidade na Obra Freudiana*. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 9, n. 2, Jun., 2009.

FARIELLO, Danilo; LEÃO, Naiara & SIMAS, Fernanda. *Veja os direitos que os homossexuais ganham com a decisão do STF*, 2011. Disponível em: http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/veja+os+direitos+que+os+homossexuais+ganham+com+a+decisao+do+stf/n1300153607263.html Acesso em 28 de janeiro de 2013

GASPARETTO JUNIOR, Antonio**.** *Patriarcalismo*, 2010. Disponível em: http://www.infoescola.com/sociedade/patriarcalismo/ Acesso em 14 de janeiro de 2013.

MENDÉZ, Natalia. *Monogamia e Heterossexualidade:* um breve apanhado histórico sobre a ótica de gênero, 2008. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/comdim/usu_doc/monogamia_e_heterossesexualidade.pdf Acesso em 25 de maio 2011.

MOTTA, Severino. Supremo reconhece união estável homoafetiva, 2011. Disponível em:

http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/supremo+reconhece+uniao+estavel+homoafetiva/n1300151572835.html Acesso em 28 de janeiro de 2013.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CURSO DE MESTRADO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa - MEU/MINHA FILHO (A), O DANONINHO DE MORANGO E O QUARTO AZUL/ROSA: INVESTIGANDO NORMAS DE GÊNERO EM FAMÍLIAS

Você está sendo convidada/o a participar de uma pesquisa sobre as normas de gênero nas famílias, onde pretendemos conhecer como são construídas as relações entre os membros componentes das famílias diante dos padrões estabelecidos de gênero, levando em consideração as questões de sexo, sexualidade, gênero e desejo. Pretendemos analisar como se dão essas questões psicologicamente e se estão de acordo ou não com as normas culturais e sociais estabelecidas. Um dos nossos objetivos é investigar como os pais e mães transmitem esses padrões às crianças. Por este motivo, sua participação é de extrema importância, já que para alcançar nossos objetivos precisamos escutar a experiência a partir de cada pai e cada mãe.

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para a discussão sobre gênero na sociedade, colaborando com a diminuição do preconceito e estereótipos presentes no dia-dia, que marcam tantos sujeitos. Os resultados também poderão ser úteis aos/às participantes da pesquisa e seus familiares que, muitas vezes, buscam orientação ou ajuda para compreender melhor experiências diversas no campo da sexualidade. Tais benefícios aos participantes serão garantidos através de oficinas e palestras acerca dos resultados obtidos na pesquisa.

Embora essa pesquisa não ofereça riscos físicos e/ou emocionais aos participantes, consideraremos que qualquer situação que envolve pessoas pode causar algum tipo de desconforto, principalmente em se tratando de tema relacionado ao mundo particular das pessoas. Buscaremos alcançar nossos objetivos da forma mais respeitosa possível, assegurando todos os aspectos éticos do processo. De todo modo, você poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem sofrer nenhum tipo de prejuízo.

Eu, (nome do/da participante), dou meu consentimento para participar como voluntário/a desta pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora Daniele Cristine Cavalcanti Rabello, mestranda da Universidade Federal de Pernambuco, e da orientadora desta pesquisa Profª Dra. Luciana Leila Fontes Vieira.

Após ouvir os esclarecimentos, assino este Termo de Consentimento ciente de que:

1. Durante o estudo participarei de atividade de desenho com inquérito e entrevista, com duração média de 1hora e meia, compostas de questões relacionadas aos objetivos acima mencionados.

2. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação na referida pesquisa.

3. As entrevistas e falas serão gravadas e meus dados pessoais mantidos em sigilo. Os resultados obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho exposto acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada. Suas transcrições ficarão armazenadas no LabEshu – Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana -, na UFPE – Universidade Federal de Pernambuco -, sob a responsabilidade da orientadora desta pesquisa, vinculada ao laboratório, durante dois anos, tempo em que possam ser utilizadas para fins de estudo e publicação desta pesquisa, resguardando todos os cuidados éticos.

4. Terei acesso aos resultados da pesquisa, assim que concluída, através da pesquisadora responsável pelo projeto.

5. Poderei contatar o Comitê de Ética da UFPE e apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa, se achar necessário, o qual encaminhará o procedimento adequado.

6. Poderei entrar em contato com a pesquisadora responsável através do telefone (81) 92121432, no endereço: Av. da Arquitetura, s/n, 9º. andar, Cidade Universitária, Recife - PE. CEP: 50740-550. Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), Departamento de Psicologia ou pelo e-mail: danielerabello@hotmail.com.

7. Poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa que aprovou a presente pesquisa através do telefone (81) 2126 8588, no endereço Av. da Engenharia, s/n, 1º. andar, Cidade Universitária, Recife – PE. CEP: 50740-600.

Recife, ___ de _____ de 2012.

_____/ _____ _____/ _____

Assinatura do(da) participante / RG Ass. Pesquisadora Responsável / RG

_____/ _____ _____/ _____

Testemunha 01/ RG Testemunha 02/ RG

ANEXO B

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO PARA OS PAIS E MÃES

Questionário N. _____

Nome do entrevistado (a): _____ Iniciais: _____

Escolaridade: _____

Profissão/Ocupação:_____

Idade: _____Data de Nascimento:____/____/_____

Local de Nascimento:_____

Cor/Raça:_____

Religião:_____

Início:_____:_____h Término:_____:_____

Entrevistado (a) (assinatura)_____

Entrevistador (a) (assinatura)_____

ANEXO C

PERGUNTA DISPARADORA E ROTEIRO-GUIA DE ENTREVISTA

Nome (iniciais):

Pai ( ) Mãe ( )

Pergunta Disparadora

- Você poderia me falar um pouco sobre o modo como educa seu(s) filho(s) e sua(s) filha(s)?

Roteiro-guia de entrevista

1. É diferente para você educar um menino ou uma menina?

2. O que é masculino e feminino?

3. O que você considera mais importante na educação de seu(s) filho(s) e da(s) sua filha(s)?

4. Quais seriam os aspectos mais importantes em relação à sexualidade do(s) seu(s) filho(s) e da(s) sua(s) filha(s)?

5. Como você vê as pessoas que não se consideram heterossexuais?

ANEXO D

CARTA DE ANUÊNCIA

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro, para os devidos fins, que concordo em participar, como pesquisadora responsável, do Projeto de Pesquisa, intitulado: MEU/MINHA FILHO (A), O DANONINHO DE MORANGO E O QUARTO AZUL/ROSA: INVESTIGANDO NORMAS DE GÊNERO EM FAMÍLIAS, sob orientação da Professora Pesquisadora Dra. Luciana Leila Fontes Vieira, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, desenvolvendo as atividades que me competem, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Daniele C. C. Rabello.

ASSINATURA

DANIELE CRISTINE CAVALCANTI RABELLO

NOME

CPF Nº 043.854.984-82

Fone(s) para contato: (081) - 34692344 e 92121432

E-mail : danielerabello@hotmail.com

ANEXO E

CARTA DE ANUÊNCIA

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro, para os devidos fins, que concordo em participar, como orientadora, do Projeto de Pesquisa, intitulado: MEU/MINHA FILHO (A), O DANONINHO DE MORANGO E O QUARTO AZUL/ROSA: INVESTIGANDO NORMAS DE GÊNERO EM FAMÍLIAS, sob responsabilidade e desenvolvido pela Mestranda DANIELE CRISTINE CAVALCANTI RABELLO do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, desenvolvendo as atividades que me competem, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Luciana Vieira

ASSINATURA

LUCIANA LEILA FONTES VIEIRA

NOME

CPF Nº 018.842.354-09

Fone(s) para contato: (081) - 32675755 e 94817278

E-mail : lufontesvieira@hotmail.com